



O MINISTÉRIO ADVENTISTA



ANO 20

SETEMBRO-OUTUBRO DE 1954

Nº. 5

—101—

A DIREITA: Grupo dos
pastores que tomaram parte
nas Conferências Públicas pe-
lo pastor Walter Schubert em
Havana, Cuba. Na primeira
linha, da esquerda para a di-
reita, aparecem os seguintes
pastores: Francisco Ruiz, pre-
sidente da Associação Oriental
de Cuba; Raul Villanueva,
vice-chefe de evangelismo;
Walter Schubert, evangelista.
Eduardo del Sol, chefe de
evangelismo; André H. Rif-
kin, presidente da Associação
Occidental de Cuba.



—101—



—101—

A ESQUERDA: Vista da
plataforma do salão de con-
ferências. No fundo, o se-
tento de senhoritas, cuja atua-
ção foi muito apreciada pelo
público.

—101—



Pressa Demasiada

HOJE em dia, o pregador é um obreiro, não uma testemunha; um trabalhador, não um pregador; um gerente, não um ministro; um administrador, mais do que um embaixador; em lugar de a Palavra de Deus, estuda métodos; tem um cargo, mais do que um estudo...

Existe uma busca frenética de novos métodos, uma ânsia por encontrar alguma coisa que faça avançar o reino. Dir-se-ia que Deus está falido. Essa pressa héctica para de alguma maneira pôr a coisa em condição de produzir, é um testemunho fraco para um mundo necessitado. Tem o mundo bastante ansiedade nervosa e desassossêgo, sem o que lhe acresce a Igreja. Esse esforço no trabalho, sob a convicção de resultados fracos, poderá ser melhor do que nada fazer, mas não atinge a raiz da dificuldade. O homem repleto do Espírito e cheio de amor não trabalha para Deus sob a tensão e o agulhão da preocupação de que os dados estatísticos serão baixos. Trabalho por amor, e a unção do Espírito Santo removem a tensão e a ansiedade.

A noção moderna é que tantos programas, mais tanta atividade, mais tantos projetos, produzirão resultados. Por si só, isto não promoverá o reino. A menos que Deus, Espírito Santo, surja na cena, as almas não serão convencidas nem convertidas. E a nossa pressa héctica não atrairá o Espírito.

Vamos à raiz do assunto: não estamos satisfeitos com os dados estatísticos; não possuímos o capital espiritual para, por meio do Espírito Santo, conseguir resultados espirituais; não nos dispomos a orar a Deus e por Ele esperar... e assim, saímos para fazer a coisa funcionar por uma multiplicidade de métodos e com entusiasmo humano. Ignoramos o valor comprovado do trabalho normal (se bem que não mais seja comum) da oração intercessória, do apêlo persistente, dos testemunhos sinceros, e da pregação com base nas Escrituras.—H. Tjepkema, em *The Free Methodist*.

Só Mediante a Oração

A IGREJA que multiplica as comissões e negligência a oração poderá ser irrequieta, barulhenta e empreendedora, mas trabalha debalde e gasta a energia em troca de nada. É possível exceder-se em aparatos e fracassar no dinamismo. Existe superabundância de aparelhamento—falta o poder. Necessita-se de Deus para dirigir uma organização. O homem pode suprir energia, empreendimento e entusiasmo

pelas coisas humanas... A energia da carne pode dirigir lojas, organizar diversões (podemos somar, acionar um projetor de filmes) e produzir milhões; mas a presença do Espírito é que faz um templo do Deus vivo—ela só vem mediante a oração.—Samuel Chadwick, em *The Way to Pentecost*.

Justiça é Obediência à Lei

(Continuação da página 20)

4. "Justiça é santidade, semelhança com Deus;... É conformidade com a lei de Deus; pois 'todos os Seus mandamentos são justiça' (Sal. 119:172)."—O *Maior Discurso de Cristo*, pág. 23.

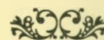
5. "Creu Abraão em Deus, e foi-lhe isso imputado como justiça' (S. Tia. 2:23). ... 'Ora, aquele que faz qualquer obra não lhe é imputado o galardão segundo a graça, mas segundo a dívida. Mas aquele que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça' (Rom. 4:4 e 5). Justiça é obediência à lei. A lei exige justiça, e essa o pecador deve à lei; mas ele é incapaz de praticá-la. O único meio em que pode alcançar a justiça é através da fé. Pela fé pode ele apresentar a Deus os méritos de Cristo, e o Senhor credita a obediência do Seu Filho à conta do pecador. A justiça de Cristo é aceita em substituição ao fracasso do homem, e Deus recebe, perdoa, justifica a alma crente arrependida, trata-a como se fosse justa, e ama-a como ama Seu Filho. Assim é a fé imputada como justiça."—Sra. E. G. White, em *Review and Herald*, 4 de nov. de 1890.

6. "A verdadeira obediência é a expressão de um princípio interior. Origina-se do amor à justiça, o amor à lei de Deus. A essência de toda justiça é lealdade ao nosso Redentor. Isto nos levará a fazer o que é reto, porque a retidão é agradável a Deus."—*Parábolas de Jesus*, págs. 97 e 98.

7. "A justiça ensinada por Cristo é conformidade de coração e de vida com a revelada vontade de Deus. Os pecadores só se podem tornar justos, à medida que têm fé em Deus, e mantêm vital ligação com Ele."—*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 227.

8. "Sua mensagem (justificação pela fé) deveria elevar mais perante o mundo o Salvador crucificado, o sacrifício pelos pecados de todo o mundo. Apresentava a justificação pela fé na Garantia; convidava o povo para receber a justiça de Cristo, que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus. Muitos haviam perdido de vista a Jesus. Precisavam eles ter os olhos postos em Sua divina pessoa, Seus méritos, e Seu imutável amor à família humana. Todo o poder Lhe é pôsto nas mãos, para que dispense ricos dons aos homens, comunicando o precioso dom da Sua justiça ao desesperançado agente humano."—*Testimonies to Ministers*, págs. 91 e 92.

9. "Nossa fome e sede de justiça estará em proporção com o alimento com que nutrimos a alma. Teremos mais e mais fome e sede de justiça ao separar-nos do mundo, de seus costumes, suas práticas, e conformar a vida com as normas da justiça."—Sra. E. G. White, em *Signs of the Times*, de 5 de setembro de 1895.





Órgão publicado bimestralmente pela
 Associação Ministerial da Igreja Adventista do
 Sétimo Dia
 Editado pela
 Casa Publicadora Brasileira
 Santo André, São Paulo
 Gerente — **Bernardo E. Schuenemann**
 Redator responsável — **Luiz Waldvogel**
 Redator associado — **Rafael de A. Butler**
 Colaboradores especiais
Walter E. Murray, Walter Schubert



ANO 20 Nº. 5

CONTEÚDO

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

<i>Pressa Demasiada</i>	2
<i>Só Mediante a Oração</i>	2

ILUSTRAÇÕES

<i>A Influência da Bíblia</i>	3
<i>Estais Pescando com Anzol Limpo?</i>	3
<i>O Coração Reto para com Deus</i>	3

ARTIGOS GERAIS

<i>O Anticristo na História e na Profecia</i>	4
<i>Como tratar as Heresias — II</i> <i>Como Surgiu a Heresia e Foi Tratada</i> <i>em Tempos Históricos</i>	12

EVANGELISMO DA SAÚDE

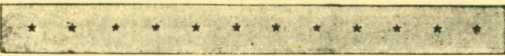
<i>O Remédio da Oração</i>	15
--------------------------------------	----

OBRA PASTORAL

<i>O Ministério Pastoral</i>	16
<i>Ajuda para os Membros Fracos</i>	17

ESTUDOS BÍBLICOS

<i>Justiça é Obediência à Lei</i>	20
---	----



ILUSTRAÇÕES

A Influência da Bíblia

O GRANDE missionário da África, Roberto Moffat, contou como um dia se encontrou com um africano que aparentava estar muito abatido. Perguntou-lhe o motivo, ou se alguém havia morrido.

— Ninguém morreu — respondeu o homem — mas o meu filho me contou que o meu cachorro comeu uma folha da Bíblia.

— Bem — disse Moffat — isso não tem muita importância. Eu terei prazer em substituir a folha perdida.

— Oh! — exclamou o homem — não é a Bíblia que me está preocupando, mas o cachorro. Esse cachorro nunca mais morderá ninguém nem lutará contra os chacais. Ficarão tão manso quanto todas as pessoas que creem nesse Livro. Sob a influência desse Livro todos os nossos guerreiros ficam tão dóceis quanto as mulheres, e assim, o meu cachorro está arruinado." — *Canadian Baptist*.

Estais Pescando com o Anzol Limpo?

CERTO dia de verão estavam dois homens pescando num bote. Para um deles o resultado era excelente. Pescara já uns quantos peixes, enquanto o outro nada conseguia.

Disse o pescador afortunado ao amigo:
 — Acho que sei por que te está acontecendo isso: teu anzol está sujo.

O outro pensou, de si para si: Como poderá estar sujo, se faz já algumas horas que está dentro d'água?

O amigo, porém, insistiu, dizendo:

— Puxa a linha, e vejamos.

O companheiro assim o fez, e exclamou:

— Não te disse eu? Olha: Está limpo!

— Não, não está limpo — retrucou o outro. Vês essas ervinhas? Essa é a sujeira a que me refiro. Tira-as e pescarás.

— Por quê? Se não é sujeira nenhuma!

— Talvez não o seja para ti, mas para os peixes, sim.

Existe em nossa vida alguma impureza? Embora não nos seja perigosa, talvez afaste as almas que queremos atrair para o reino do Senhor. — Do livro "The Quiet Hour Scrap".

O Coração Reto para com Deus

QUANDO Sir Walter Raleigh foi conduzido ao cadafalso, o carrasco lhe perguntou se a cabeça estava bem firmada, ao que Sir Raleigh respondeu:

— Pouco importa, amigo, como está a cabeça, sempre que o coração esteja bem.

Na presença de Deus, ante cujos olhos são revelados os segredos de todos os corações, perante a cruz de misericórdia e amor, que nos diz o coração? Está ele reto perante o Senhor?

ARTIGOS GERAIS

O Anticristo na História e na Profecia

I

FRANK H. YOST

Nota Introdutória

SUMAMENTE evidente é, para todos nós, que o tema central deste Congresso Bíblico é o Senhor Jesus Cristo, a quem estamos contemplando como Salvador de nossos pecados, e cuja morte de cruz é o pináculo da doutrina cristã, a culminância assinalada pelo Velho Testamento mediante seus símbolos e ritos, do qual surge o Novo Testamento, com seu glorioso evangelho da graça.

Eu desejaria apresentar isto agora, mas tenho outra incumbência, que é: Focalizar a perversão destas verdades e assinalar como Satanás, o falso cristão e a apostasia que esteve dirigindo através dos séculos, têm tratado de torcer toda verdade relacionada com a revelação da natureza de Cristo e de Sua obra. Como bom soldado, obedeci, e aceitei o encargo.

E é necessário apresentar esse tema. Ensina-nos a História o que significa desobedecer a Deus e recusar a expiação do pecado por meio de Jesus Cristo.

Esta é a verdadeira tarefa da História. A História é uma arte, e ainda mais. A História é uma expressão cultural; e ainda é mais. Corretamente estudada, a História diz-nos o que a vida é. Din-lo em termos positivos, ou tem termos negativos.

Um povo sem o senso da História equivale a um desmemoriado. Para quem sofre de amnésia, cada dia é uma experiência confusa que, em geral, termina em frustração e, amiúde, em desastre. O homem que possui memória, porém, e as pessoas que têm o senso da História compreendem o que ocorre dia a dia, porque cada dia é visto como que numa tela, no passado, tendo a História como segundo plano.

Infelizmente a História registra muito mais fracassos que êxitos. Não pode ser de outra maneira num mundo que caiu em pecado. Estudar o anticristo, profetizado nas Escrituras e confirmado na História, significa contemplar um quadro sombrio. Porém não podemos perder as lições que nos ministra esse quadro negro. Precisamos contemplá-lo e aprender os ensinamentos que nos proporciona.

Definição e Aplicação do Termo "Anticristo"

A palavra "anticristo" (anticristos) aparece na Bíblia quatro vezes apenas:

I S. João 2:18 e 22. O anticristo virá, mas há muitos anticristos. O anticristo nega o Pai e o Filho.

I S. João 4:3; II S. João 7: Anticristo é quem nega que Jesus Cristo veio em carne.

O emprêgo feito por João do termo "anticristo" é geral e aplicável a todos os opositores de Cristo. Neste caso emprega-o, sem dúvida, com referência aos docetistas que ensinavam que Cristo era só uma "aparição" ou uma "aparência" na Terra, e aos agnósticos, que ensinavam que Cristo não passava duma manifestação numa série de emanções provenientes do Espírito divino.

Entretanto, os comentaristas, desde os tempos dos apóstolos, aplicaram o termo aos falsos cristos, prenunciados pelo próprio Senhor (S. Mat. 24:24). O "homem do pecado" de Paulo (II Tess. 2:3) (1) "o iníquo" (v. 8) mencionado no singular, são declarações que sempre foram consideradas profecias relativas ao anticristo. As bestas das profecias, especialmente as de Apocalipse 13 e 17, têm sido identificadas com o anticristo, tal como a blasfema e perseguidora "ponta pequena" de Daniel 7.

Entretanto, os primitivos pais da igreja fizeram deste termo aplicação mais pessoal. Alguns deles chamaram anticristo a Nero. Outros sustentaram que essa designação se aplicava a um homem que deveria aparecer no futuro, investido de poder satânico e na luta contra Cristo e Seus seguidores. Esta foi a opinião mantida durante toda a primeira parte da Idade Média. (2)

No século X fez-se aplicação mais imediata e local. Em ataque escrito, dirigido contra o papa João XV, no concílio de Reims, França, celebrado no ano 991, o autor, provavelmente Arnolfo, bispo de Orleans, ou Gerberto, que mais tarde chegou a ser o papa Silvestre II, susteve que um futuro papa "sem caridade e inchado de carnal compreensão", ia ser o anticristo. Foi Joaquim de Floris, no século XII quem, por primeira vez, sugeriu que o anticristo apareceria como *universalis pontifex* (o pontífice universal) e ocuparia a sede apostólica. (3) Um contemporâneo seu, Amalrico de Bena, foi o primeiro a aplicar este nome ao papa, isto é, ao sistema papal. (4)

Os alemães, na última parte da Idade Média, contemplando com amargura a disputa papal contra os imperadores almeados do Império Ocidental, deram a Gregório VII, inimigo do imperador Henrique IV, o nome de anticristo. Mais tarde os valdenses consideraram o papado como o anticristo, sendo nisso imitados pelos hussitas, na Boêmia, e por Wicliffe e os lolardos, na Inglaterra.

Os homens da Reforma seguiram essa interpretação. Lutero, Calvino, Zuínglio, Melancton, Bucer, Beza e praticamente todos os seus discípulos chamaram anticristo ao papa. (5)

Em todos os casos em que os escritores católicos abordaram o tema, sustentaram a opinião de que o anticristo é uma pessoa. Para alguns deles era um dos imperadores romanos pagãos e perseguidores, talvez Nero.

Inocêncio III, que viveu nos séculos XII e XIII, declarou ser Maomé o anticristo. Outros adotaram a opinião dos padres, no sentido de que o anticristo é uma pessoa dotada de poderes satânicos, e que ainda está por manifestar-se. (6)

Em geral os protestantes fundamentalistas dos Estados Unidos seguem este ensino católico. Com efeito, elaboraram todo um sistema de teologia em torno do anticristo. Será, segundo eles, um personagem malvado que, na opinião de alguns, nasceria da união ímpia do demônio com uma mulher bela de origem judia, e que, "na metade da semana" — a semana setuagésima, de Daniel 9 — assumirá o governo da Terra por espaço de 1260 dias, ou sejam: três anos e meio, depois de Cristo haver arrebatado da Terra os crentes. No final da última parte dessa semana, Cristo derrotaria o anticristo e inauguraria sobre a Terra o milênio de paz. (7)

Para os adventistas, o anticristo é, sobretudo e fundamentalmente, Satanás, o primeiro rebelde contra Cristo, (8) que, justamente antes da segunda vinda, tratará de aparecer na Terra como Cristo, (9) e, depois dos mil anos, será destruído no lago de fogo (Apoc. 20:10). (10) Este anticristo é o dragão da profecia, e seus seguidores, organizados para atuar nos assuntos políticos e religiosos do mundo, estão simbolizados na profecia por diversas bestas.

Não obstante, o anticristo é conhecido dos adventistas ampla e generalizadamente como o papado, representado pelo "ponta pequena" de Daniel 7, e a "besta" de Apocalipse 13. O anticristo satânico aparece na história da igreja cristã e sob o disfarce do erroneamente chamado vigário de Cristo, o papa, até apresentar-se como o falso cristão.

No grande conflito entre Cristo, e Satanás como anticristo, mencionam-se especificamente quatro grandes e terríveis manifestações da bête na história teológica:

1. Satanás, a bête por excelência, que usou a serpente, essa formosa criatura muito diferente das víboras que conhecemos comumente, (11) para enganar o primeiro par no Éden. Conseqüentemente, o dragão é também chamado serpente (Apoc. 12:3, 9, 14-17). (12) A história de Satanás apresenta-se nas Escrituras como uma série de apostasias, expulsões e degradações, de conseqüências terríveis para o homem. (13) O dragão satânico é uma bête composta de porções de todas as demais bêtes proféticas (Apoc. 12:3).

2. A súpula de todas as apostasias humanas foi descrita, entre outros, por Paulo, num quadro de desoladora maldade (Rom. 1:18-32; 3:5-20). (14) Ao revelar essa apostasia, os profetas assinalaram certas nações como sendo particularmente inimigas do povo de Deus. O profeta Daniel descreve especialmente quatro delas sob o símbolo de bêtes (Dan. 7:3-8, 17-28; 8:3-8, 20-22). (15) São as seguintes:

a. **Babilônia**, o Império Neobabilônio, o leão de Daniel 7, descrito previamente como a cabeça de ouro da imagem da visão de Nabucodonosor, que aparece em Daniel 2.

b. **Medo-Pérsia**, o urso de Daniel 7, e o carneiro de Daniel 8; o peito e os braços de prata da imagem.

c. **Grécia macedônica** (o leopardo de Daniel 7, e o bode de Daniel 8) também está simbolizada pelo ventre e coxas de Daniel 2.

d. **Roma**, a bête indescrevível de Daniel 7. Devido a que o avanço dos impérios se processou na direção do ocidente, e visto que o ocidente tem sido o centro da grande expansão mundial do cristianismo, bem como da grande apostasia organizada, a profecia se refere principalmente à porção ocidental do Império Romano. Por isso a profecia revela que a parte ocidental do Império Romano se fracionaria em dez reinos, representados pelas dez pontas. Essas dez pontas representam as nações germânicas que nominalmente estavam sujeitas ao Império, mas, à medida que a administração central de Roma se desmoronava, foram assumindo a direção do ocidente. Entre estes, a estranha, diferente, repulsiva e blasfema ponta pequena, o papado, tomou o seu lugar, depois de eliminar três. Estes símbolos correspondem respectivamente às pernas de ferro e barro cozido, e aos dez dedos de ferro e barro, de Daniel 2. A ponta pequena, de Daniel 8, é a réplica, num único símbolo, da quarta bête e da ponta pequena, de Daniel 7, que representa Roma, tanto pagã como papal.

Destas quatro potências, as Escrituras destacam duas como dignas de condenação especial.

3. **Babilônia**, de onde Abraão teve que sair quando essa potência constituía uma cidade-Estado, a fim de encontrar o verdadeiro Deus Criador e servi-Lo. Em sua forma imperial, conhecida na História por Neobabilônia, esta potência era, para Isaias (Isa. 13:14 e 39), motivo de preocupação e condenação especiais, e, além disso, foi a inimiga encarnada e por fim a conquistadora do remanescente judeu que permaneceu na Palestina, depois do cativeiro das dez tribos. (II Crô. 36.)

Jeremias advertiu seu povo quanto ao perigo babilônio, e viveu tempo suficiente para ver o cumprimento terrível de suas profecias. (Jer. 20, 21, 24, 25, 27-34, 37-39, 50 e 51.) Ezequiel e Daniel foram prisioneiros dos babilônios. (Eze. 1; Dan. 1.)

Visto que Babilônia era o inimigo por excelência do povo de Deus nos dias dos profetas do Velho Testamento, esse nome foi aplicado a Roma pagã, inimiga peculiar do Filho de Deus feito homem, e de Seus seguidores nos tempos Novo Testamento. Na época apostólica, chamou-se Babilônia a Roma (I S. Ped. 5:13), (16) e, no Apocalipse, João emprega o termo como símbolo do arquinimigo da igreja na Terra. (Apoc. 14:8; 16:19; 17:5; 8:2, 10 e 21.)

4. João emprega no Novo Testamento indistintamente as palavras "bête" e "Babilônia" de maneira muito significativa, como equivalentes proféticos da ponta pequena de Daniel 7 — o papado. A Jezabel do período de Tiatira da história da igreja de Apoc. 2:18-29, converte-se, ao ampliar a apresentação, na bête composta de Apoc. 13. Essa bête possui vários característicos das quatro bês-

tas, símbolos de impérios que encontramos em Daniel 7. O termo "bêtes" não é, porém, suficientemente ilustrativo do quadro que o Espírito de profecia quer completar. Ao descrever o papado, em Apoc. 17, o Espírito apresenta uma revelação mais ampla da mulher Jezabel de Apoc. 2:20, e não-la apresenta como uma prostituta, mulher que caiu completamente na impureza do adultério espiritual, a que arrastou o mundo inteiro (Apoc. 17:3-7). (17)

A mulher de Apoc. 17, porém, está assentada sobre uma bête. (Vs. 3 e 7.) A prostituta é Roma eclesiástica, e sob o seu poder se encontra a bête que representa todo o emaranhado de apostasias do passado, presente e futuro. A fim de ajudar a identificar a bête, as sete cabeças são aqui apresentadas como sendo as sete colinas de Roma (Apoc. 17:3; 9; 13:1 e 12:3). (18) Em virtude de um princípio de extensão profética, estas sete cabeças, que evidentemente se sucedem uma à outra (Apoc. 17:9 e 10), simbolizam os sucessivos impérios e as potências que foram inimigas do povo de Deus e sé-lo-ão no futuro. Essas potências, bem... como seus prolongamentos na História, acompanham e fortalecem o aspecto humano das maquinações e pretensões da prostituta papal (Vs. 3, 9, 12 e 13), (19) até ao desfecho definitivo (Vs. 16-18; 18:8-24): "o juízo da grande prostituta."

Para compreender e analisar os vários aspectos da grande apostasia, dependemos quase inteiramente dos livros bíblicos de Daniel e Apocalipse.

Mediante visões e símbolos sucessivos, são-nos apresentadas as características satânicas e as atividades malignas dessas potências, e especialmente do papado.

O Papado

O propósito destas páginas consiste em apresentar a bête profética como sendo Roma, e concentrar a atenção intensamente no aspecto papal de Roma, a fim de demonstrar que o anticristo que tem atuado nos longos séculos da História como apostasia particularmente blasfema que surgiu no sentido da apostasia geral e imperante no mundo.

O Papado Define-se

O papado é a infalível e sacrossanta cabeça administrativa e episcopal do grande sistema religioso católico, romano. Assim como Cristo é a cabeça invisível e mística do corpo místico — a verdadeira igreja universal — o papa é, com efeito, a cabeça da visível e falsa igreja católica ou universal, que Satanás estabeleceu como uma cópia enganosa da igreja verdadeira de Cristo. O papa é o bispo de Roma, chefe da arquidiocese romana, primado da Itália e pontífice máximo da assim chamada igreja universal.

Pretende o papado que Cristo haja ordenado a Pedro como chefe ou príncipe dos apóstolos, a petros ou pedra sobre que se fundaria a Igreja de Cristo (S. Mat. 16:18 e 19). (20) De conformidade com essas pretensões, Pedro seria o fundador da igreja de Roma, onde teria pregado durante 25 anos (21) desde o seu livramento da prisão nos tempos de Herodes Agripa I, em Jerusalém, no ano 44 A. D. (Atos 12:3-23, (22), até ao seu martírio em Roma, no ano 68 da mesma era. Segundo se presume, antes de sua morte, Pedro teria indicado para ser seu sucessor (23) a Lino, o primeiro de uma série de homens que, por sua vez, chegaram a ser príncipes apostólicos da grei de Pedro. A sucessão apostólica — declara Roma — existe unicamente por meio do papado, na extensão da autoridade episcopal por meio dos bispos que receberam suas credenciais da igreja de Roma (24). Outras igrejas há, além de Roma, que podem provar haverem sido fundadas pelos apóstolos, mas Roma reclama entre todas a primazia (25) como fato teológico, insiste em que todas as igrejas que não lhe reconhecem as pretensões são cismáticas, e que todas se apartaram do caminho verdadeiro.

Mais tarde consideraremos a teoria de que Pedro haja sido o primeiro papa, com base em S. Mat. 16:18; limitando-nos a declarar agora que Cristo é a rocha (I Cor. 10:4), é o fundador e, ao mesmo tempo, o fundamento de Sua igreja (I Cor. 3:11). (26) Nenhum apóstolo organizou a igreja separadamente de Cristo; sempre o fizeram por meio dEle. E se é verdade que nenhum apóstolo

por si só o fez, também o é que todos os apóstolos e profetas do Novo Testamento edificaram a igreja juntamente com o Senhor. (Efé. 2:19-22.)

A sucessão desses verdadeiros apóstolos e profetas não foi nem psicológica, nem política, nem espiritual. Tampouco foi pessoal, por meio de papas, dos quais a Escritura nada diz, nem por meio de bispos, mas mediante o corpo da igreja, que é o corpo de Cristo. (27).

A Evolução do Episcopado

Quem são os bispos, de quem o papa pretende ser o sumo pontífice?

Havia tão somente duas classes de funcionários conhecidos na igreja do Novo Testamento:

1. Os homens dotados do Espírito Santo, os **pneumatikoi** (Gál. 6:1; Rom. 8:6; I Cor. 2:15; 3:1; 14:37), qua haviam recebido a concessão especial dos dons do Espírito Santo, em virtude da qual eram reconhecidos como:

a. Apóstolos (a palavra grega é **apóstolos**, "enviado") ou missionários (chamado, em latim: **missionarius**, "enviado").

b. Profetas.

c. Evangelistas.

d. Pastores.

e. Professores.

f. Exortadores.

g. Os que possuíam o dom de curar.

h. Realizadores de milagres.

i. Os que possuíam o dom de línguas.

j. Os que tinham a capacidade de interpretar ou traduzir essas línguas (Rom. 12:6-8; I Cor. 12:8-10; Efé. 4:11) (28).

Não eram funcionários eleitos, mas surgiram espontaneamente, graças às provas, aceitas pela igreja, de que possuíam os dons que professavam ter. A irmã White faz parte do bendito grupo dos que participaram dos dons do Espírito.

2. A outra classe, constituída de funcionários eleitos, subdividia-se em dois grupos: os anciãos ou presbíteros (do grego: **presbyteros**) (Atos 11:30; 14:23; 15:2-6, 22 e 23; 20:17; I Tim. 5:17; S. Tia. 5:14; I S. Ped. 5:1), e os diáconos (do grego: **diakonos**, "servos") (Fil. 1:1; I Tim. 3:8-13) (29). Os diáconos preocupavam-se, especialmente, com os aspectos materiais das necessidades da igreja (Atos 6:1-6). Os anciãos interessavam-se particularmente nas necessidades espirituais e administrativas. As qualidades e deveres dos diáconos (I Tim. 3:8-13) e anciãos (I Tim. 3:1-7; Tito 1:5-9) estão claramente definidas.

Logo, porém, talvez em princípios do século II, o grupo dos anciãos dividiu-se em: (a) bispos, ou "superintendentes" (do grego **episkopos**) e (b) anciãos, que desempenham a função de pastores locais. Nas Escrituras essa divisão não é conhecida; ambos os termos: **superintendente** e **presbítero**, são empregados no Novo Testamento para designar o mesmo officio. Aos representantes da igreja de Éfeso, que por pedido de Paulo foram a Mileto para conversar com ele, são por ele chamados **presbíteros** e **superintendentes**; **presbítero** como denominação do seu officio (Atos 20:17), e **superintendente** para delimitar-lhes as funções (V. 28). Em sua carta a Tito, o mesmo apóstolo emprega os termos como sendo sinônimos (Tito 1:5-9), e só menciona os **bispos** e os **diáconos** de Filipo (Fil. 1:1), mas não há dúvida de que esses bispos não passavam de **anciãos**.

Havia anciãos em todas as igrejas, nos tempos apóstolicos (Atos 14:23; Tito 1:5), e são mencionados no plural, como "nomeados" ou "constituídos por eleição", isto é, eleitos (Atos 14:23) (30). De conformidade com os autores apóstolicos, havia um primeiro ancião presidente de cada grupo de anciãos (31) é evidente que o título de bispo era exclusivo do presidente dos anciãos.

Nalguns lugares o presidente, ou ancião que fazia as vezes de tal, elevava-se a posição singular, como superintendente ou bispo, mais rapidamente que noutros. Pouco depois do ano 100 A. D., dá-se o nome de bispo ao presidente de Antioquia, e um antigo bispo dessa cidade, Inácio, insiste muito na autoridade dos bispos (32). Clemente, diretor da igreja de Roma, porém, em carta para a igreja de Corinto, no ano 96 A. D., reconhece apenas os presbíteros (33); e como foi mencionado previamente, Justino e Tertuliano falaram de "presidentes", aparentemente referindo-se aos chefes dos

anciãos. (31). É óbvio que Tertuliano não está de acôrdo com a crescente autoridade dos bispos (34). Estava preocupado com o que via; era arrebata da autoridade da igreja, e a direção convertia-se paulatinamente em monarquia. Foi isso que aconteceu. Eusébio, por volta do ano 324 A. D., em sua "História Eclesiástica" menciona com o título de bispos e não de presbíteros, todos os dirigentes da igreja primitiva. (35) Por certo, nada mais fazia do que refletir as tendências de seu tempo.

Devemos, não obstante, reconhecer que as condições ambientes da igreja primitiva, tanto na esfera psicológica como na secular e social, tornaram quase inevitável a transformação do officio de ancião presidente no de bispo monárquico. Com efeito, ao passar revista nas circunstâncias da época, chega-se a compreender que teria sido necessária uma resistência muito grande da parte da igreja em conjunto, para evitar o surgimento dos bispos. Algumas tentativas dessa espécie foram de quando em quando feitas, mas foram esporádicas e infrutíferas. As seguintes são as causas e os fatores mais notórios que contribuíram para o surgimento dos bispos como monarcas na igreja:

1. A tendência normal e comum da humanidade consiste em buscar dirigentes. Aquela época caracterizava-se pela centralização e autocracia no tocante ao governo civil. O presidente dos anciãos deve haver tido necessariamente algumas qualidades pessoais que o capacitavam para a direção, e manifestado eficiência no cargo. É provável que numa época de pouca instrução, um homem tal haja revelado possuir alguns dons psicológicos e intelectuais.

2. O cristianismo era uma organização urbana. Em geral havia uma única igreja organizada em cada cidade. Porém os grupos de crentes devem terem-se sem dúvida reunido em diferentes partes da cidade. As reuniões numerosas da parte duma seita perseguida não devem, em geral haver sido seguras. É provável que cada um dos grupos locais haja sido presidido por um ancião, mas o ancião presidente deve haver tido a supervisão dos assuntos da igreja em toda a cidade, além de, provavelmente, a zona campestre que rodeava a cidade. Isso não seria senão normal, se tomarmos em conta o conceito greco-romano da cidade-Estado. Dêsse modo o ancião presidente, o superintendente (**episkopos**, "bispo"), assumia importância para com a cidade que supervisionava, até nos assuntos mais insignificantes, visto tratar-se duma igreja cristã nascente e ilegal.

3. As ofertas que entravam para a tesouraria das igrejas nascentes eram na sua maioria empregadas no sustento dos pobres, os desafortunados, os enfermos e os que estavam em prisões por motivo de sua fé. Sobre o presidente recaía a responsabilidade de administrar o dinheiro. Sem dúvida, naqueles dias distantes, esta atividade lhe emprestava grande influência (Tito 1:7) (36).

4. Quando as freqüentes perseguições daquela época conseguiram disseminar o rebanho, os membros buscavam dos anciãos orientação. Por certo a função de ancião-presidente como superintendente geral foi realçada pelas necessidades desses dias de perplexidades. Com efeito, tão notória era a dependência dos membros da igreja de seus superintendentes, que as autoridades de Roma pagã o perceberam e logo dirigiram suas perseguições contra esses dirigentes. Assim aconteceu até findar a última perseguição de Diocleciano (37).

5. Não deve haver sido extensa entre os cristãos a circulação dos exemplares das Sagradas Escrituras. Não havia prelos naqueles tempos, e o processo de copiar tornava-se dispendioso. Portanto, só deve haver existido exemplares das Escrituras no lar de uns poucos membros das igrejas cristãs primitivas. Talvez os poucos que possuíam algum dinheiro devem haver conseguido alguns exemplares. Pode ser que os anciãos das cidades mais pequenas hajam possuído algumas porções. Porém para conseguir exemplares completos das Escrituras, sem dúvida terá sido necessário buscá-los na casa do ancião-presidente, o superintendente, nas igrejas das cidades grandes. A ele ter-se-á consultado quanto às doutrinas, e pedido conselhos acerca das heresias. (38) Por isso mesmo o superintendente da igreja logo se converteu num árbitro em assuntos de heresia. Isso não somente aumentou em grande medida a autoridade do superintendente, mas também capacitou os bispos posteriores a suplantarem quase completamente os dons proféticos e de ensino exist-

tentes entre os homens dotados do Espírito. Cerca do ano 150 A. D. esses homens dotados do Espírito tendem a desaparecer, e os superintendentes, ou bispos, desempenham suas funções.

Cipriano menciona em seus escritos uma poderosa ordem de bispos, cerca do ano 250 A. D. (39) O período episcopal foi grandemente favorecido pela legalização do cristianismo, realizada por Constantino, no ano 313 A. D.

Nunca poderá ser salientado em demasia a circunstância de que quaisquer que fossem os poderes que os bispos fossem conquistando, também os ia adquirindo o bispo de Roma. A medida que as funções administrativas da igreja se foram convertendo mais e mais em assunto de autoridade, a do bispo de Roma crescia juntamente com a de seus colegas. Não só isso: por duas razões importantes o poderio do bispo de Roma cresceu mais rapidamente que o dos superintendentes de outras cidades:

a. Roma era a capital de vasto império. Era a sede do governo da maior potência que o mundo conheceu até então. Não somente a política, mas o comércio, a arte, a cultura, a literatura, a filosofia e os cultos religiosos concentravam-se, todos, mais ou menos, na cidade de Roma. A ela acudiam os homens como se constituísse a fonte de todas as coisas interessantes e úteis para a humanidade. De maneira inevitável, os cristãos foram levados a considerar Roma com o mesmo critério com que o faziam os demais. Por isso mesmo, o poder e a influência do bispo de Roma aumentou, graças à sua presença na capital do império.

b. Havia no império outras grandes cidades. As igrejas cristãs de numerosas cidades haviam sido fundadas por apóstolos, tal como pretendia para si a igreja de Roma. Não assim no ocidente. Na Europa ocidental, Roma não tinha rival como cidade, e a igreja de Roma não tinha rival que pretendesse possuir origem apostólica. Jerusalém, Éfeso, Antioquia e Alexandria podiam, todas, provar que haviam sido fundadas por apóstolos, mas essas igrejas estavam situadas no oriente. No ocidente, só Roma podia pretender com certa esperança de êxito, origem apostólica. Essa sua pretensão, com base em Pedro, tem sido reafirmada em toda oportunidade possível, a ponto de os papas parecerem pretender uma espécie de reencarnação física do apóstolo pescador.

Essa assim chamada igreja apostólica que pretende ser o paradigma da ortodoxia, em realidade foi a sistematizadora e a propagadora da apostasia, que com rapidez demasiada se estendeu pela igreja em geral.

Apostasias Primitivas

Convém ter em conta que as primeiras apostasias, como a que deu em resultado o surgimento do episcopado e o papado, eram principalmente apostasias formais. Esse fato não deve, porém, impedir-nos de perceber a seriedade das primitivas apostasias. Surgiram cedo, cinquenta anos após a morte do apóstolo João, e aplicaram golpes nos próprios fundamentos da fé. Não pode haver apostasia formal sem ter antes havido apostasia de idéias, posto que a forma da religião, se conserva algum significado, é a expressão de uma idéia religiosa. As formas são exaltadas com importância pela força do conceito teológico que as conforma.

A Sucessão Apostólica

Dêsse modo, o desenvolvimento do episcopado, embora gradual, foi rápido, e equivaliu a uma transformação fundamental no conceito da própria igreja, o de que era uma comunidade sob a chefia de Cristo. Paulatinamente se foi convertendo em uma monarquia, com a intervenção de bispos, como dirigentes eclesiásticos, entre Cristo e os membros de seu corpo. Este conceito não é bíblico. Quando o episcopado se transformou em sacerdotal, consumou-se a apostasia.

O mesmo aconteceu com outros conceitos e práticas. O bispo Irineu, de Gália, grande defensor da igreja contra a heresia, insiste em que a verdade deva ser encontrada entre os bispos das igrejas fundadas pelos apóstolos, quem — segundo ele — transmitem a verdade a seus sucessores. (40) Esta teoria, não somente lançou o fundamento para a doutrina da sucessão apostólica, como constituiu também a base débil para a tradição autoritária. Tertuliano, bispo da África do Norte, deu a essa idéia maior ampli-

tude com dizer que: as Escrituras não são suficientes para combater a heresia; deve-se depender da tradição. (41) Enumera ele meia dezena de práticas, inclusive métodos de observar o dia do Senhor (domingo) e fazer o sinal da cruz, as quais, embora sem base bíblica, provam, segundo ele, que a tradição é válida, pois a igreja pratica esses costumes. (42)

A Adoção de Práticas Pagãs

Com efeito, os argumentos dos clérigos de séculos posteriores surgiram da seguinte maneira: Adoramos o Deus verdadeiro e Seu Filho Jesus Cristo. Portanto, possuimos a verdade, e esta é honrada por qualquer prática que sigamos, enquanto adoramos o verdadeiro Deus. Este pensamento é bem expresso pelo cardeal Newman, da maneira seguinte:

"Confiando, pois, no poder do cristianismo para resistir à infecção do mal, e transmutar os próprios instrumentos e acessórios do culto aos demônios para uso evangélico, e sentindo que essas práticas haviam surgido originalmente de revelações primitivas e de instintos outorgados pela natureza, embora corrompidas; e que deviam inventar o de que necessitavam, se não usassem o que haviam encontrado; e que mais ou menos estavam de posse dos próprios arquetipos, dos quais o paganismo apresentava as sombras; os dirigentes da igreja dos tempos primitivos estavam preparados, ao surgir a ocasião, para adotar, imitar ou sancionar os ritos e costumes existentes no povo, bem como a filosofia das classes cultas". (43)

As mutações foram produzidas, portanto, graças a mudanças internas e acréscimos externos. O cardeal Newman faz, com toda a franqueza, uma lista de doze ou mais costumes que gradualmente foram introduzidos na igreja, provenientes do paganismo:

"Não é necessário ocupar-se de tema que a diligência dos escritores protestantes nos tornou bastante conhecidos. O uso de templos, dedicados em ocasiões a santos definidos e, nalgumas oportunidades adornados com ramos de árvores; o incenso, as lâmpadas e as velas; as ofertas votivas, dadas pela cura de alguma enfermidade; a água benta; a reclusão eclesiástica; os dias e períodos sagrados, o uso de calendários, as procissões, a bênção dos campos; os paramentos sacerdotais, a tonsura, o anel matrimonial; o voltar-se para o oriente, as imagens, mais tarde, provavelmente as ladainhas, e o Kyrie Eleison, são todos de orgime pagã e santificados pela adoção no seio da igreja. (44)

A Mudança do Batismo

A maneira de batizar sofreu logo modificação e, juntamente com ela, a compreensão de seu significado. Por volta do ano 150 A. D. havia sido introduzida a imersão triplíce e, juntamente com a imersão, era praticado o aspergimento. (45) Cerca do ano 225 A. D., havia sido estabelecido um ritual complexo para o batismo. (46) Na mente de alguns daquele tempo, o batismo convertera-se em sacramento salvador, cujo valor consistia, não na prova de fé da parte de quem o aceitava, mas no ato batismal em si mesmo. Por volta do ano 225, A. D., Orígenes advogou o batismo de crianças, a fim de salvarem-se da condenação que sofreriam por motivo do pecado original que haviam herdado. (46) Para ele o batismo chegara a ter eficácia, embora sem a fé da parte de quem era batizado. Ao passo, porém, que era defendida a natureza sacerdotal do batismo, atribuía-se-lhe cada vez menos importância na forma de administrá-lo. Este é um processo normal nos períodos de transição religiosa. Quando, porém, um sacerdote evolui ao ponto de pretender administrar ritos salvadores, encontramos-nos face a face com a apostasia.

O Ritualismo Eucarístico

Os cristãos, em lugar de celebrar a Ceia do Senhor cada vez que se reúnem para comer juntos, como acontecia na igreja apostólica (Atos 2:42; 20:7 e I Cor. 11:25 e 26) 47, transformaram-na paulatinamente num rito formal. Cerca do ano 150, A. D., havia-se convertido num culto de ação de graças (48), celebrado em Roma no domingo. (49) Logo foi chamado sacramento, ou juramento, como se consistisse numa promessa feita a Cristo. (50) Pouco depois foi chamado sacrifício. (51) Nos séculos seguintes falou-se

com ênfase sempre crescente da presença real no pão e no vinho, mas ainda não está bem claro quanto a qual era a significação teológica atribuída a essas idéias. A doutrina da transubstanciação surgiu mais tarde. (52) Quando, porém, o pão da mesa do Senhor foi convertido em Seu sacrifício necessário para a salvação, encontramos-nos uma vez mais face a face com a apostasia.

A Veneração dos Santos

Em vão buscamos entre os padres um escritor que se atenha claramente à doutrina bíblica do estado inconsciente dos mortos, e isto nos permite compreender por que não houve impugnação da idéia da veneração dos mártires.

Nos dias de Tertuliano, isto é, no ano 225 A. D., celebravam-se cultos junto à tumba dos mártires (42); e ao tempo de Gregório Taumaturgo (militar), que morreu cerca do ano 270 A. D., distribuíam-se partes (reliquias) do corpo dos mártires em diversos lugares, e os cristãos congregavam-se para a realização de festas, e marcavam ocasiões definidas para honrar êsses mártires. (53) Facilmente se seguiu, depois disto, a oração aos santos e o culto das imagens.

O Culto das Imagens

O culto das imagens foi introduzido gradualmente. O concílio espanhol de Elvira proibiu, no ano 305 (54), as pinturas murais nas igrejas, e só no século V, Agostinho, com reprovação (55), e Paulino de Nola, com aprovação (56), mencionaram o uso amplo feito no ocidente da pintura de personagens bíblicos e mártires, bem como de símbolos da Trindade nas paredes das igrejas. Já no século VIII, quando surgiu no oriente uma terrível controvérsia contra as imagens, a igreja de Roma estava preparada para tomar posição, como efetivamente o fez, contra os iconoclastas e em favor das imagens. Uma das razões que pode haver tido o papa para coroar Carlos Magno, no ano 800 A. D., foi opô-lo à imperatriz Irene de Constantinopla (57), que, talvez, era considerada débil demais para enfrentar os iconoclastas orientais. A firme defesa pela igreja de Roma do culto das imagens, explica a eliminação, de seu catecismo, do segundo mandamento do Decálogo.

A Mudança de Atitude Para com a Lei de Deus

Para compreender quão livremente a igreja primitiva adotou ou rejeitou os dias de celebração religiosa, necessário é estejamos a par da atitude dessa igreja para com a lei de Deus. A lei de Deus era santa e obrigatória para os cristãos, mas, tal como foi dada no Sinal, continha elementos cerimoniais judaicos que a igreja podia deixar de lado e efetivamente abandonou (58). Dêste modo foi considerado judeu o sábado, e abandonado paulatinamente. Podiam ser mantidos outros dias de culto ou, ainda, introduzidos alguns novos, segundo conviesse à prática cristã corrente.

A Observância do Domingo

O uso do primeiro dia da semana — conhecido vulgarmente por Dia do Sol — como dia de culto cristão, constitui uma das apostasias mais notáveis produzidas no seio da igreja de Roma. Começou-se a usar o domingo para o culto semanal dos cristãos, em Roma, cerca do ano 155 A. D.

Haviam os primitivos cristãos herdado dos judeus, não apenas a observância do sétimo dia da semana, que Cristo observou (S. Luc. 4:16; S. Mat. 12:12; S. Mar. 1:21-34), mas também, e apesar da advertência de Paulo aos gálatas quanto ao perigo de guardar "dias, e meses, e tempos, e anos" (Gál. 4:10), a observância de certas festas anuais judaicas. A Páscoa, no dia 14 de Nisá, e o Pentecostes, no sexto dia do mês Sivá, foram algumas das festas especialmente mantidas. (Atos 20:6 e 16; I Cor. 16:8). (59) A significação, para os cristãos, desta última festa aprofundou-se com a lembrança da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos em Jerusalém, nesse dia. A Páscoa foi reverenciada pelos cristãos devido a haver Cristo morrido sobre a cruz, na tarde de sexta-feira, 14 de Nisá, ao mesmo tempo em que os judeus imolavam o cordeiro pascoal. Nessa mesma noite de sexta-feira que Cristo pas-

sou no sepulcro, estiveram os judeus comendo o cordeiro pascoal (Êxo. 12:6; Lev. 23:5; S. João 19:14 e 31). (60)

Chegou a ser tradicional entre os cristãos primitivos, tanto judeus como gentios, a recordação da crucifixão de Cristo na época em que os judeus entravam em seu período pascoal. Os cristãos adotaram dos judeus o cômputo da data, e reuniam-se nas residências ou em locais alugados (não havia naquela época edifícios de igrejas) ao mesmo tempo em que os judeus se reuniam para celebrar a Páscoa. Não há na Bíblia uma única palavra que autorize êsse costume.

Certo escritor do ano 200 A. D., no diz que êsse costume começou no tempo dos apóstolos Felipe e João. (61) Dir-se-ia que alguns cristãos só guardavam o dia 14 de Nisá. Outros ferriam desde a data da crucifixão até à da ressurreição. Outros mais havia que guardavam todo o tempo em que os judeus ferriam, (62) que era a festa dos pães asmos, prescrita na lei de Moisés (Êxo. 12:1-20; 23:14 e 15; 34:18; Lev. 23:5-14; Núm. 28:16-25; Deut. 16:1-8), que vai de 15 até 21 de Nisá.

Tôda a celebração se concentrava, porém, no dia da crucifixão, 14 de Nisá, quando "Cristo, nossa páscoa" (I Cor. 5:7) morreu pelos pecadores. Observavam-na sem maior preocupação para com o dia da semana em que caísse, da mesma maneira em que os cristãos da atualidade celebram o Natal, sem ter em conta o dia da semana em que cai.

A igreja de Roma tratou de mudar êsse costume, induzindo todos os cristãos a, anualmente, celebrarem, não a crucifixão, mas a ressurreição; (63) e não no dia 14 de Nisá, independentemente do dia da semana ou do mês em que caísse, mas sempre no domingo, primeiro dia da semana. A igreja de Roma triunfou nessa empresa.

O motivo que a igreja de Roma invocou para impor essa observância foi que Cristo ressuscitara nesse dia. (64) Essa observância teve início no período de Sixto, (65) que foi papa (66) ou dirigente da igreja de Roma cerca do ano 125 A. D.

A princípio essa observância não foi semanal; nem ocorria cada semana depois do sábado, como mais tarde e como hoje. Era anual.

Por que efetuou a igreja de Roma essa mudança? Um dos motivos foi o seu antijudaísmo, antepassado do anti-semitismo hodierno. Os judeus sempre se haviam oposto ao cristianismo. Rejeitaram a Jesus quando estêve na Terra. Fizeram-no crucificar pelas mãos dos romanos (S. Mat. 27:22-26). Desacreditaram Sua ressurreição (S. Mat. 28:11-15). Perseguraram a igreja do Novo Testamento (Atos 4:1-3; 5:17-41), até à morte, como no caso de Estêvão (Atos 7:54-60; 8:1; 9:1-3). Induziram as autoridades pagãs de Roma a perseguirem os cristãos, e efetivamente contaram dêles coisas tão terríveis que as multidões das cidades foram incitadas à violência sangrenta contra os seguidores de Cristo. (67) Tertuliano chamava às sinagogas "fontes de perseguição." (68)

Os cristãos, porém, por motivos políticos, tinham razão para temer os judeus. Eles sempre haviam constituído um problema para seus vencedores romanos. Como povo "escolhido" de Deus, sentiam-se profundamente ressentidos por governá-los gentios desprezíveis, e rebelavam-se continuamente. Lutaram contra Herodes, quando tratou de assumir o trono dos judeus com base num acôrdo do Senão Romano. (69) Conseguiram a destituição de Arquelau, filho de Herodes, e não sem causa, como dirigente de Jerusalém, (70) e conseguiram que o procurador romano ocupasse o seu lugar. (71) Sua amarga inimizade para com os romanos ressaltava evidentemente dos Evangelhos.

Em Atos 18:2, é-nos dito que todos os judeus foram expulsos de Roma. No ano 66 o espírito rebelde dos judeus induz-os a provocar uma furiosa revolta, que resultou na destruição da cidade de Jerusalém e na morte de milhares de judeus, no ano 70 A. D. (72) Daí em diante suportaram o estigma de ser considerados um problema político do Império. Houve outro levante cerca de quarenta anos mais tarde, (73) não tão sério nem tão amplo, mas pioraram as boas relações entre o Império e o judaísmo.

Cerca da época em que o papa Pio VI começou a insinuar uma mudança na festa primaveril dos cristãos, produziu-se a pior de tôdas as revoluções. Durante vários anos do reinado de Adriano, e em zona bem ampla do Império Romano, os judeus estavam em revolução. Milhares e milhares dêles

foram mortos; milhares, expulsos. Jerusalém foi uma vez mais destruída completamente. Sobre o desolado local em que antes se encontrava, passou-se o arado em forma simbólica, e decretos romanos proibiram a todo judeu que de novo pusesse os pés sobre esse lugar. Mais tarde procederam os romanos à sua reconstrução como cidade inteiramente gentílica. (74)

Os cristãos da cidade de Roma tinham especialmente que fossem confundidos com os judeus. Sabia-se que provinham do judaísmo e que algumas de suas práticas e observâncias eram semelhantes às dos judeus. O papa Pio VI teve boa razão política para insistir em que a igreja rejeitasse uma festividade que caía na Páscoa judaica, para, em substituição a ela, ter uma festa primaveril que caísse em domingo, em vez de no 14 de Nisã. A igreja tratou de evitar que fosse confundida com o judaísmo. (75)

"Com o fito de preparar o caminho para a realização de seus fins, Satanás induziu os judeus, antes do advento de Cristo, a que sobrecarregassem o sábado das mais rigorosas exações, tornando-lhe a observância uma carga pesada. Aproveitando-se da falsa luz sob que o fizera considerar, fê-lo desprezado como instituição judaica. Ao mesmo tempo que os cristãos continuavam geralmente observando o domingo como alegre dia de folga, induzia-os o diabo a fazer do sábado dia de jejum, tristeza e abatimento, para mais agravar o ódio ao judaísmo." (75)

Ao insistir, porém, o papa no dia da ressurreição, estava em realidade aderindo ao dia do Sol. Durante séculos fôra a primavera uma época especial para o culto anual do Sol. (76) Davam os astrólogos o nome de dia do Sol ao primeiro dia da semana judaica, e os adoradores do Sol, segundo não-lo diz Tertuliano, costumavam mussitar suas orações nesse dia, em adoração do Sol, estando com a face voltada para o oriente no momento de amanhecer. (77)

A primeira hora do Dia do Sol era empregada na adoração desse astro; tal como era a primeira hora do dia da Lua dedicada à Lua, (78) e assim sucessivamente, no ciclo dos sete dias dedicados respectivamente a Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno, (79) coincidindo Saturno com o sétimo dia, o sábado. (80)

O adorador do Sol, convertido ao cristianismo, não se sentia fora de lugar na festa da primavera, que o papa Pio VI começava a impor, porque tanto caía numa época como num dia que, por ser ele adorador do Sol, lhe eram familiares. A insistência do papa em que a ressurreição e não a crucifixão, dovesse ser celebrada na primavera, e não no dia 14 de Nisã, mas no domingo — dia da ressurreição — punha os cristãos, mediante certo estratagemas eclesiástico, por assim diz-lo, na contingência de honrar o dia do Sol.

Cerca de vinte anos depois da época do papa Pio VI, quando Policarpo, chefe da igreja de Esmirna e famoso mártir, visitou a igreja de Roma, nada sabia da festa da ressurreição nem da guarda do domingo. Ele e o papa Aniceto, de Roma, examinaram o assunto, mas cada qual decidiu seguir o costume que estivera adotando até então. O papa Aniceto declarou que seu costume remontava ao tempo de Sixto, e Policarpo disse que o seu remontava à época dos apóstolos. (81) "Concordaram em discordar."

Uma fonte considerada apócrifa, o "Liber Pontificalis", declara que cerca dessa época um irmão do papa Pio I, de nome Hermas, tivera um sonho em que um anjo vestido de pastor lhe apareceu e instruiu no sentido de que "a santa festa da Páscoa deveria ser observada no dia do Senhor." (82)

Podemos duvidar do sonho, sem ter porque duvidar do uso que Pio fez desta história!

Roma, porém, não deixou o assunto da observância do domingo como festividade anual somente. Outro passo na observância do domingo foi dada entre os anos 125 e 150 A. D. Justino Mártir, em escrito de cerca do ano 155 A. D., diz-nos:

"E no dia chamado domingo, todos quantos vivem nas cidades e no campo se reúnem num lugar, e são lidas as memórias dos apóstolos, e os escritos dos profetas, quanto o permita o tempo; e ao terminar a leitura, o presidente instrui verbalmente e exorta à emulação dessas boas coisas. Então, todos nos pomos de pé e oramos e, como ficou dito, ao terminarem as nossas orações, são trazidos pão, vinho e água, e o presidente faz orações semelhan-

tes, bem como ações de graças, segundo a sua capacidade, e o povo confirma com um amém, e então é distribuído a todos, e todos participam daquilo sobre que foi pedida a bênção, e aos que estão ausentes são reservadas porções que se lhes envia por meio dos diáconos. E os que estão dispostos e são voluntários, dão o que consideram conveniente; e o que é recolhido é entregue ao presidente, que socorre os órfãos e as viúvas, e a todos quantos, por motivo de enfermidade ou outro qualquer passam necessidade, e aos que jazem em prisões, e aos estrangeiros que se encontram entre nós, e, numa palavra, cuida de todos os que sofrem necessidade. O domingo é o dia em que celebramos nossas assembleias em comum, por ser o primeiro dia em que Deus, havendo produzido uma mudança nas trevas e na matéria, fez o mundo; e Jesus Cristo, nossa Salvador, nesse mesmo dia saiu do sepulcro." (49)

Justino escreveu sua "Apologia" ao imperador Antônio Pio, e nela ressaltou que esse ato de culto cristão era realizado no dia do Sol. Estava ele em Roma ao escrever isso e descrevia a observância semanal do domingo na igreja de Roma e nas igrejas circunvizinhas que estavam sob sua influência. Parte da "Apologia" que trata do culto cristão do domingo, encontra-se no contexto da comparação que estabelece entre o cristianismo e o mitraísmo.

Justamente como ocorreu a modificação da observância anual do domingo para o culto semanal desse dia, não está bem claro, mas fato é que isso aconteceu, e que o fez Roma.

Com o pretexto de honrar a bendita ressurreição de nosso Senhor, Roma honrou realmente o dia do Sol. A esse respeito escreve E. G. White: "Vi que Deus não mudou o sábado, porque Ele nunca muda. O papa, porém, mudou-o do sétimo para o primeiro dia da semana; porque haveria de mudar os tempos e a lei." (83)

"O papa mudou o dia de repouso, do sétimo para o primeiro dia. Cuidou em mudar o próprio mandamento que foi dado ao homem para que lembrasse do seu Criador. Pensou em mudar o maior mandamento do Decálogo, e desse modo tornou-se igual a Deus, e até exaltou-se acima de Deus. O Senhor é imutável; portanto, Sua lei o é também; mas o papa exaltou-se acima de Deus ao tratar de modificar Seus imutáveis preceitos de santidade, justiça e bondade. Pisou a pés o dia santificado de Deus, e, estribado em sua própria autoridade, pôs em seu lugar um dos seis dias de trabalho." (84)

"Os católicos romanos reconhecem que a mudança do sábado, como dia de repouso, foi efetuada pela sua igreja, e declaram que, ao observarem o domingo, os protestantes reconhecem a autoridade dela. . . . A igreja romana não renunciou às suas pretensões à supremacia; e quando o mundo e as igrejas protestantes aceitam um dia de repouso de criação dela, ao passo que rejeitam o sábado como dia bíblico de repouso, acatam virtualmente essa pretensão." (85)

Como o papa assim procedeu, ilustra-o o ato do papa Vítor, levado a cabo cerca do ano 200 A. D., mediante o qual tratou de impor a observância anual do domingo. Viu ele que a pressão suave da parte de Roma em favor do domingo não tinha todo o êxito que era de desejar-se. Com base na exaltação do seu cargo, ordenou que, se não seguissem o plano de Roma de celebrar esse dia de folga, fossem excomungados todos os bispos. Nos primeiros tempos nenhuma igreja reconheceu, fora da Itália, a autoridade do papa (de fato, a sede papal nem sempre foi honrada nem sequer em toda a Itália). Vítor, porém, assumindo autoridade geral que mais tarde os papas trataram de exercer em forma crescente, tratou de legislar para toda a cristandade. E fê-lo no interesse do domingo. Fracassou em seu plano de excomungar os bispos, mas não no respeito que alcançou em favor do dia do Sol. (86)

O intento do papa Vítor de excomungar os que não quiseram honrar o dia da ressurreição na festa anual da primavera, ilustra mais que nenhuma outra coisa, a espécie de pretensões que o bispo de Roma estava arrogando-se nessa época, e que mais tarde se arrogaria também; bem como nos revela a data, tão próxima do tempo dos apóstolos, em que essas pretensões surgiram. E a observância do domingo, como devemos notar, foi o veículo que o papa empregou em seus primeiros intentos de engrandecimento.

Que é correto levar à conta da igreja de Roma esta mudança, testifica-o Sócrates, hábil historiador da igreja, que, cerca do ano 450 A. D., escreveu: "Porque, se bem que quase todas as igrejas do mundo celebrem os sagrados mistérios no sábado de cada semana, os cristãos de Alexandria e de Roma, com base nalgumas tradições antigas, deixaram de fazê-lo." (87) Grifo nosso.)

Sem dúvida as "antigas tradições" eram a pressão que os papas Sixto, Pio, Aniceto e Vítor haviam exercido sucessivamente para que o domingo fosse honrado.

Vai nisso um exemplo notável, em vista de Dan. 7:25, em que o papado realizou sua própria e singular apostasia. De quase todas as outras apostasias, gerais na igreja secularizada, participou a igreja de Roma, especialmente no tocante às formas e práticas, muitas das quais adotou do paganismo. Como cabeça de uma igreja que se paganizava mais e mais, surgiu o poder papal.

A Igreja Sacerdotal

A combinação de conceitos tais como o episcopado, um batismo necessário para a salvação e a Santa Ceia transformada em sacrifício, haveria de efetuar transformação integral na igreja. O produto de tudo isso foi uma igreja sacerdotal com bispos — e o clero que controlava — atuando como sacerdotes em sentido mediatório e o batismo e a eucaristia transformados em meio de salvação no significativo ritual da palavra.

Dêsse modo, cerca do ano 400 A. D., a igreja em geral, e particularmente a de Roma, haviam-se convertido num culto de mistérios, no estilo pagão. E pelo ano 500 da mesma era, convertera-se numa religião de sacerdotes e sacramentos, tal como qualquer das outras religiões pagãs que a circundavam. (88)

Com efeito, naquela época, o paganismo converteu-se em objeto de perseguição da parte do Estado e da igreja, e entrincheirara-se nos distritos rurais; e o cristianismo apóstata se transformara em favorito de um governo corrupto, e de multidões apenas afloradas pelas verdades do cristianismo e menos ainda relacionadas com seu divino Fundador: multidões que ingressavam na igreja e nela introduziam muitos de suas superstições e práticas pagãs.

(Continua.)

Bibliografia

- (1) *The Catholic Encyclopedia* identifica êste "homem do pecado" com a "ponta pequena" de Daniel 7. — A. J. Maas, *Antichrist*, Vol. I, pág. 560.
- (2) Comodo, *Instruções*, cap. 41, em *The Ante-Nicene Fathers* (Os Pais Antenicenos.) Traduções dos escritos dos Pais até ao ano 325 A. D. (Daqui em diante nos referimos a êste livro com as iniciais P. A. N.) Vol. VI, págs. 210 e 211; Victoriano, *Comentário Sobre o Apocalipse do Bendito João*, cap. 17, em P. A. N., Vol. VII, págs. 357 e 358.
- (3) *Cyclopaedia of Biblical, Theological and Ecclesiastical Literature*, Vol. I, pág. 259, artigo *Antichrist*. John C. L. Gieseler, *Text-Book of Church History* (1865), traduzido por Henry B. Smith, Vol. VII, pág. 133.
- (4) *Cyclopaedia of Biblical, Theological and Ecclesiastical Literature*, Vol. I, pág. 257.
- (5) *Ibidem*.
- (6) Irineu, *Against Heresies* (Adversus Haereses), Vol. V, caps. 25-38, em P. A. N., Vol. I, págs. 553-560; Tertuliano, *Against Marcion* (Adversus Marcion), cap. 16, em P. A. N., Vol. III, págs. 463 e 464.
- (7) William E. Blackstone, *Jesus is Coming*, (3ª. ed.), págs. 185 e 209.
- (8) Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, pág. 25.
- (9) Idem, *O Conflito dos Séculos*, pág. 624.
- (10) *Ibidem*, pág. 673.
- (11) Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, págs. 56, 57, 61 e 62.
- (12) Idem, *O Conflito dos Séculos*, pág. 438.
- (13) As sucessivas quedas de Satanás, sua expulsão do Céu, seu confinamento à Terra e sua destruição final podem ser notadas claramente nos seguintes lugares:
 - a. Sua queda espiritual da justiça, quando foi achada nele iniquidade. (Isa. 14:12-14; Eze. 28:12-17; *Patriarcas e Profetas*, págs. 23-34.)
 - b. Sua expulsão do Céu com os anjos caídos, e sua "tartarização", por assim dizê-lo, ou confinamento ao tártaro. (II S. Ped. 2:4; S. Luc. 10:18; Apoc. 12:3 e 4.) Depois de haver induzido a humanidade a obedecer-lhe, apareceu nos concílios do Céu como representante desta Terra. (Jô 1:6-12; 2:1-7; S. João 14:30; *Patriarcas e Profetas*, págs. 73-76.)
 - c. Foi lançado por terra quando Cristo selou, para sempre, Sua vitória sobre o pecado e a morte por ocasião de Sua ascensão, e expulsou do Céu a Satanás e seus anjos. (Apoc. 12:7-13; S. João 12:31.)
 - d. Sua vinda voluntária à Terra no fim dos tempos como falso rei e falso cristo, especialmente como o anticristo apresentado em II Cor. 11:14 e II Tess. 2:8, onde, evidentemente não é apresentado um sistema, ou grupo, mas uma *persona* má. (*O Conflito dos Séculos*, pág. 624.)
 - e. O fato de que será lançado à Terra e ali mantido, para que não mais engane; não somente por estar a Terra desolada, mas por estar êle impedido de abandoná-la. (Apoc. 20:1-4.)
 - f. A circunstância de ser lançado na massa fundida da Terra (II S. Ped. 3:10), ou "lago de fogo" de Apoc. 20:10, onde sofrerá mais que ninguém e será destruído sem que lhe seja possível reabilitar-se nem mais regressar. (*Early Writings*, pág. 291; *O Conflito dos Séculos*, pág. 673.)
- (14) Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, págs. 100 e 101.
- (15) *Ibidem*, págs. 127-129, 133, 134, 280 e 367; *Prophets and Kings*, págs. 363, 366, 501, 531-535, 600 e 601.
- (16) "Pedro faz menção de Marcos, em sua primeira epístola, a qual, sustêm-se, foi escrita em Roma, e isso dá-o a entender Pedro, que, figuradamente, chama Babilônia à cidade de Roma, com estas palavras: 'A vossa co-eleita em Babilônia vos saúda, e meu filho Marcos.'" — Eusébio, *História Eclesiástica*, Vol. II, cap. 15, Editorial Nova, Buenos Aires, 1950.
Jerônimo, *Vidas de Homens Ilustres* (em inglês), cap. 8, em *Pais Nicenos e Pós-Nicenos* (em inglês) (daqui para diante abreviaremos P. N. P. N.), 2ª. série, Vol. III, pág. 364; e Di Bruno: "Devo esclarecer que entre os primeiros cristãos Roma pagã foi designada, amiúde, pelo nome de Babilônia, e isso, naturalmente, especialmente entre os judeus conversos, que viam a grande semelhança existente entre as duas capitais no que concerne à sua vastidão, imoralidade pagã, superstição, e comum antagonismo para com o povo de Deus.
"Por êsse motivo ninguém mal-interpretou quando, no Apocalipse, São João a apresentou sob a figura de Babilônia.
"No final da primeira epístola geral de São Pedro, temos estas palavras: 'A vossa co-eleita em Babilônia vos saúda, e meu filho Marcos', passo em que a palavra Babilônia deve ser considerada símbolo de Roma; com efeito, não está registado, nem nas Sagradas Escrituras nem em nenhuma outra parte que Pedro ou Marcos hajam ido alguma vez a Babilônia, na Ásia; e nenhum escritor antigo menciona jamais que essa carta haja sido enviada realmente da antiga Babilônia, ou que assim o tenham alguns dêles entendido; ao contrário, regista-se positivamente na história de Eusébio (Livro II, cap. XV), como que houvesse declarado Papias, discípulo de São João Evangelista e amigo de São Policarpo, que São Pedro, em sua primeira epístola, escrita em Roma, deu a Roma o nome de Babilônia em forma figurada. O mesmo pode dizer-se de São Jerônimo, em seu livro 'Homens Ilustres' ao falar de São Marcos.' — José Faá Di Bruno, *Catholic Belief*, ed. Luiz A. Lambert (Nova York: Irmãos Benziger, 1884 [impressão do cardeal McCloskey]), págs. 323 e 324.
- (17) Ellen G. White, *Prophets and Kings*, págs. 114-116; *O Conflito dos Séculos*, págs. 381-389 e 439.
- (18) Idem, *O Conflito dos Séculos*, pág. 54.
- (19) *Ibidem*, pág. 388.
- (20) Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pás. 309-311.
- (21) Eusébio, *Chronicon*, em *Continuatio*, de Jerônimo, ad. ann. 44, em Migne, *Patrologia Latina*, Vol. XXVII, col. 450.
- (22) Esta é uma data muito importante, pois pode ser

- fixada com certeza no ano 44 A. D. O imperador Calígula morreu no ano 41 da mesma era, e Claudio ocupou o trono depois dele. O recém-coronado imperador outorgou a Herodes Agripa I os territórios que haviam pertencido a seu avô Herodes o Grande, e deu-lhe o título de rei. Josefo, *Antiquidades Judaicas*, Livro XIX, cap. 5, par. 1.) Agripa morreu depois de reinar três anos, isto é, no ano 44 A. D. (*Idem*, cap. 8, par. 2.)
- (23) Eusébio, *História Eclesiástica*, Livro III, cap. 2; cap. 4, par. 9; e cap. 20, par. 3.
- (24) *Leis e Decretos do Concílio de Trento*, sessão 23^a, 15 de julho de 1563, *O Sacramento da Ordem*, (em inglês), Cânones 7 e 8, em Philip Schaff, *Creeds of Christendom*, Vol. II, págs. 192 e 193.
- (25) *Profissão de Fé Tridentina*, art. I, em Philip Schaff, *Creeds of Christendom*, Vol. II, pág. 209.
- (26) Ellen G. White, *The Acts of the Apostles*, págs. 175 e 176; *Prophets and Kings*, págs. 595 e 596.
- (27) *Idem*, *Desejado de Todas as Nações*, págs. 350 e 351; *Testimonies*, Vol. IV, págs. 393 e 529.
- (28) *Idem*, *The Acts of the Apostles*, págs. 91 e 92.
- (29) Atos 6:3-6 e *Ibidem*, págs. 89-97.
- (30) A palavra grega traduzida das duas maneiras que acabamos de ver é *cheirotoneo*, "estender a mão", isto é, votar ou eleger. Relatos posteriores revelam-nos que os bispos deviam ser eleitos: Eusébio, *História Eclesiástica*, Livro VI, cap. 29, pars. 2-4; Cipriano, *Epístola 51*, pars. 8 e 54, par. 6, em P. A. N., Vol. V, págs. 329 e 341; *Constituições dos Santos Apóstolos*, Livro III, sec. 2, cap. 20, e Livro VIII, sec. 2, caps. 3 e 4, em P. A. N., Livro VII, págs. 432, 481 e 482; *Cânones Apóstolicos*, Livro I, em P. A. N., Livro VII, pág. 500.
- (31) Justino Mártir, *Primeira Apologia*, cap. 67 (cêrca do ano 155 A. D.); Tertuliano, *The Chaplet*, cap. 3 (cêrca do ano 225 A. D.). A palavra grega empregada por Justino Mártir, traduzida por "presidente" ou "diretor", é *ho proestos*. A palavra latina que Tertuliano emprega para *προεστως* é *quæstus*.
- (32) Inácio, em Loeb Classical Library (à qual nos referiremos daqui em diante com as iniciais L. C. L.), *Os Pais Apóstolicos*, Vol. I, *Epístola aos Efésios*, cap. 2, págs. 174 e 175; cap. 3, págs. 176 e 177; cap. 4, págs. 176-179; cap. 5, págs. 178 e 179; *Epístola aos Magnésios*, cap. 6, págs. 200-203; cap. 13, págs. 208-211; *Epístola aos Tralianos*, cap. 2, págs. 212-215; cap. 3, págs. 214 e 215; cap. 7, págs. 218 e 219; *Epístola aos Filadelfos*, cap. 7, págs. 244-247; *Epístola aos Esmirnos*, cap. 8, págs. 260 e 261; cap. 9, págs. 260-263; *Epístola a Policarpo*, cap. 6, págs. 272-275. Quanto às dúvidas que surgem acêrca da autenticidade destas epístolas, pode consultar-se *A História da Igreja Cristã*, (em inglês), de Philip Schaff, Vol. II, pág. 660, que diz: "Esses antigos documentos da hierarquia ficaram logo tão interpolados, abreviados e mutilados pela fraude piedosa, que atualmente chega a ser impossível descobrir com certeza o genuíno Inácio da História sob o Inácio exagerado e falsificado da tradição."
- (33) Clemente, *Primeira Epístola aos Coríntios*, cap. 45, par. 5, e cap. 6, em L. C. L., *Los Pais Apóstolicos*, Vol. I, págs. 88, 87, 90 e 91.
- (34) *Acêrca da Modéstia*, em P. A. N., Vol. IV, págs. 99 e 100.
- (35) Eusébio, *História Eclesiástica*, Livro III, caps. 13-15, 22, 32, 34-36; Livro IV, caps. 4, 6, 10, 24-27.
- (36) Justino Mártir, *Primeira Apologia*, cap. 67, em P. A. N., Vol. I, pág. 67, em P. A. N., Vol. I, págs. 185 e 186.
- (37) Cipriano, *Epístola 54*, em P. A. N., Vol. V, pág. 341; Eusébio, *História Eclesiástica*, Livro VI, cap. 39, e Livro VIII, cap. 13, em P. N. P. N., 2^a série, Vol. I, págs. 280, 281, 333, e 334; Teodoro, *História Eclesiástica*, Livro I, cap. 6, em P. N. P. N., 2^a série, Vol. III, pág. 43; "O Concílio parecia um exército de mártires reunidos."
- (38) Cipriano, *Epístola 54*, par. 5, em P. A. N., Vol. V, pág. 340.
- (39) Cipriano, *Epístola 24*, par. 1, *Epístola 51*, par. 21; *Epístola 54*, pars. 2 e 5; *Epístola 64*, par. 3; *Epístola 68*, pars. 8 e 9, em P. A. N., Vol. V, págs. 305, 337, 339, 340, 366, 374 e 375; *Tratado I*, par. 5, em P. A. N., Vol. V, págs. 422 e 423.
- (40) Irineu, *Against Heresies*, Livro III, cap. 3, pars. 1-4, em P. A. N., Vol. I, págs. 415 e 416.
- (41) Tertuliano, *On Prescription Against Heresies*, cap. 19, em P. A. N., Vol. III, pág. 251.
- (42) Tertuliano, *The Chaplet*, caps. 3 e 4, em P. A. N., Vol. III, págs. 94 e 95; *O Conflito dos Séculos*, págs. 447-449.
- (43) João Henrique Newman, *An Essay on the Development of Christian Doctrine*, págs. 371 e 372; *O Conflito dos Séculos*, pág. 58.
- (44) Newman, *op. cit.*, pág. 373.
- (45) *Didaché*, cap. 7, em L. C. L., *The Apostolic Fathers*, Vol. I, págs. 318 e 321.
- (46) Orígenes, *Oitava Homília Sobre Levítico*, cap. 3, Migne, *Patrologia Graeca*, Vol. XII, col. 496; *Homília Sobre Lucas*, cap. 14; *Patrologia Graeca*, Vol. XIII, col. 1.835; *Comentários Acêrca da Epístola aos Romanos*, Livro V, cap. 9, *Patrologia Graeca*, Vol. XIV, col. 1.047. Cipriano, *Epístola 58*, em P. A. N., Vol. V, págs. 353 e 354; Gregório Nacianzeno, *Oração do Santo Batismo*, caps. 17, 23 e 28, em P. N. P. N., 2^a série, Vol. VII, págs. 365, 367, 368 e 370; Ambrose, *Expositio in Lucam*, Livro I, par. 37, ad S. Luc. 1:17, em Migne, *Patrologia Latina*, Vol. XV, col. 16, e 28; Augustina, *Tratado Sobre os Méritos do Perdão dos Pecados e o Batismo de Crianças*, Livro I, cap. 23, em P. N. P. N., 1^a série, Vol. V, pág. 24; *Acêrca do Batismo e Contra os Donatistas*, Livro V, cap. 24; em P. N. P. N., 1^a série, Vol. IV, pág. 461; Leão I, *Epístola 16*, cap. 4, em P. N. P. N., 2^a série, Vol. XII, pág. 28. Deveria assinalar-se que Tertuliano não aceitou a necessidade do batismo de crianças: *Quanto ao Batismo*, cap. 18, em P. A. N., Vol. III, pág. 678.
- (47) Ellen G. White, *The Acts of the Apostles*, pág. 391.
- (48) *Didaché*, cap. 14, em L. C. L., *The Apostolic Fathers*, Vol. I, págs. 330 e 331.
- (49) Justino Mártir, *Primeira Apologia*, cap. 67, em P. A. N., Vol. I, págs. 185 e 186.
- (50) Plínio o Jovem, *Epístolas*, Livro X, *Epístola 96*, em L. C. L., Plínio, Vol. II, págs. 402-405; Tertuliano, *The Chaplet*, cap. III, em P. A. N., Vol. III, pág. 94.
- (51) Gregório de Nisa, *Sobre a Ressurreição de Cristo, Oração I*, em Migne, *Patrologia Graeca*, Vol. 46, col. 611. Na primitiva *Didaché* é chamada sacrifício, cap. 14, em L. C. L., *The Apostolic Fathers*, Vol. I, págs. 330 e 331.
- (52) A irmã Ellen G. White chama à missa "uma horrível heresia que era toda uma afronta ao Céu", no livro *O Conflito dos Séculos*, pág. 59.
- (53) Gregório de Nisa, *De Vita Gregorio Taumaturgo*, em Migne, *Patrologia Graeca*, Vol. XXXVI, cols. 953 e 954. Eusébio *Præparatio Evangelica*, Livro XIII, cap. 2, em *Patrologia Graeca*, Vol. 21, cols. 1.095 e 1.096.
- (54) Cânon 36, em Carlos José Hafele, *História dos Concílios da Igreja*, (em inglês), Vol. I, pág. 151.
- (55) Agostinho, *De Consensu Evangelistarum*, Livro I, cap. 10, par. 16, em Migne, *Patrologia Latina*, Vol. XXXIV, col. 1.049.
- (56) Frederico Corwalls Conybeare, *Iconoclasts; A Enciclopédia Britânica*, (11^a ed.), Vol. XIV, pág. 272.
- (57) Ver a nota 147.
- (58) *Epístola de Barnabé*, caps. 2, 3, 14 e 15, em P. A. N., Vol. I, págs. 137 e 138, 146 e 147; Justino Mártir, *Diálogo com Trifão, o Judeu*, caps. 10-12, 18 e 19, 21, 22, 33 e 39, em P. A. N., Vol. I, págs. 199, 200, 203-206, 208 e 209; Irineu, *Adversus Hæreses*, Livro IV, caps. 8, 9, 12, 13, 15, 16-18, em P. A. N., Vol. I, págs. 471, 472, 475-477, 479-485; Tertuliano, *Resposta aos Judeus*, caps. 2-4 e 6, em P. A. N., Vol. III, págs. 152-157.
- (59) Ellen G. White, *The Acts of the Apostles*, pág. 390; Tertuliano, *The Chaplet*, cap. 3; *Acêrca da Idolatria*, cap. 14, em P. A. N., Vol. III, págs. 94 e 70; *Policatres de Esmirna*, em Eusébio, *História Eclesiástica*, Livro V, cap. 24, par. 6.
- (60) Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 577.
- (61) *Policatres de Esmirna*, em Eusébio, *História Eclesiástica*, Livro V, cap. 24, pars. 2-8.
- (62) Irineu de Gália, em P. N. P. N., par. 12, pág. 243.

- (63) Eusébio, *História Eclesiástica*, Livro V, cap. 23, par. 1, cap. 24, par. 2.
- (64) *Idem*, pág. 241. *O Conflito dos Séculos*, págs. 52 e 54, *Early Writings*, pág. 65.
- (65) Griego, *Xistos*, Irineu de Gália, em P. N. P. N., cap. 24; par. 14, pág. 243; *O Conflito dos Séculos*, págs. 51 e 52.
- (66) O termo "papa" procede do latino *papa* e do grego *pappas*, "pai"; foi um termo aplicado cedo a todos os bispos da igreja cristã e, mais tarde, aos abades dos mosteiros. *Dictionary of Christian Antiquities*, (Dicionário de Antiguidades Cristãs), Vol. II, pág. 1.652, art. "Papa". Se bem que Cipriano se dirige aos bispos de Roma, como a "colegas" e "irmãos", as cartas de Roma a êle se dirigem como "papa"; *Epistola* 29 (36) e 30, em P. A. N., Vol. V, págs. 307 e 308. Sfrío, bispo de Roma usa-o (384-398) por primeira vez como um título. *Epistola* 6, em Migne, *Patrologia Latina*, Vol. XIII, col. 1.164.
- (67) Justino Mártir, *Diálogo com o Judeu Trifn*, cap. 17, em P. A. N., Vol. I, pág. 293; Orígenes, *Contra Celso*, Livro VI, cap. 27, em P. A. N., Vol. IV, pág. 585; Tertuliano, *Ad Nationes*, Vol. I, pág. 14 em P. A. N., Vol. III, pág. 123; Eusébio, *História Eclesiástica*, Livro IV, cap. 15, par. 29, em P. N. P. N., 2ª. série, Vol. I, pág. 191.
- (68) Tertuliano, *Scorpiae*, cap. 10, em P. A. N., Vol. III, pág. 643.
- (69) Josefo, *Guerras dos Judeus*, Livro I, caps. 14-20.
- (70) *Idem*, Livro II, caps. 1-7.
- (71) *Idem*, cap. 8.
- (72) *Idem*, Livro II, cap. 14, Livro VII, cap. 10.
- (73) Sob o imperador Trajano; Artur E. R. Boak, *Uma História da Roma*, até 565 A. D. (em inglês), pág. 264.
- (74) Eusébio, *História Eclesiástica*, Livro IV, cap. 6, em P. N. P. N., 2ª. série, Livro I, págs. 177 e 178.
- (75) *O Conflito dos Séculos*, págs. 52 e 53; Schaff, *História da Igreja Cristã* (em inglês), Vol. II, págs. 202 e 203.
- (76) Santiago Jorge Frazer, *Golden Bough*, caps. 28-40, pág. 62.
- (77) *Apologia* 16, em P. A. N., Vol. III, pág. 31; *On Idolatry* (Acêra da Idolatria), cap. 14, em P. A. N., Vol. III, pág. 70.
- (78) Roberto Leo Odom, *O Domingo em Roma Pagã* (em inglês), cap. 15.
- (79) Dia de Saturno, Dio Cassius, *História Romana*, Livro XXXVIII, caps. 2-4, em L. C. L., Dio, Vol. III, págs. 124-127. Josefo, *Guerras dos Judeus*, Livro I, cap. 7, par. 3. Dia do Sol, Justino Mártir, *Primeira Apologia*, cap. 67, em P. A. N., Vol. I, pág. 186. Dias de Mercúrio, Sol, Lua, Saturno, e Vênus, Porfrio em Eusébio, *Praeparatio Evangelica*, Livro V, cap. 4, em Migne, *Patrologia Graeca*, Vol. XXI, cols. 347 e 348.
- (80) Dio Cassius, *História Romana*, Livro XXII, cap. 22, par. 4, em L. C. L., Dio Cassius, Vol. V, págs. 386 e 387. Dio, *idem*, Livro XXXVII, cap. 16, págs. 2-4, em L. C. L., Dio, Vol. III, págs. 124-127, com Josefo, *Guerras dos Judeus*, Livro I, cap. 7, par. 3.
- (81) Irineu, em Eusébio, *História Eclesiástica*, Livro V, cap. 24, par. 16 e 17, em P. N. P. N., 2ª. série, Vol. I, págs. 243 e 244.
- (82) *Livro dos Papas*, "Pio I", transcr. de Loomis, págs. 14 e 15.
- (83) *Early Writings*, pág. 33.
- (84) *Idem*, pág. 65.
- (85) *O Conflito dos Séculos*, págs. 447 e 448. (Ver as págs. 53 e 54.)
- (86) Irineu, em Eusébio, *História Eclesiástica*, Livro V, cap. 24, par. 9-11.
- (87) *História Eclesiástica*, Livro V, cap. 22, 2ª. série, Vol. II, pág. 132.
- (88) No tocante às funções sacerdotais do sacerdote, outorgadas por meio do bispo, ver *As Constituições dos Santos Apóstolos*, Livro III, sec. I, cap. 10, em P. A. N., Vol. VII, pág. 429; para ter visão cabal, ver o que escreve Eduardo Gibbon, *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire* (A História da Decadência e Queda do Império Romano), cap. 50, par. 13.

Como Tratar as Heresias — Parte II

Como Surgiu a Heresia e Foi Tratada em Tempos Históricos

EARL W. HESLOP

(Pastor-evangelista da Associação de Michigan)

A FIM de o ministro escolher os devidos métodos para tratar as heresias, é-lhe importante conhecer o seu surgimento bem como a maneira em que foi tratada em anos passados.

Nos Tempos Apostólicos

Quando apresentada pelos apóstolos, tanto a judeus como a pagãos, a religião cristã era religião reformatória.

"Nenhuma reforma em tôda a história da igreja, foi efetuada sem encontrar sérios obstáculos. Assim foi no tempo de São Paulo. Onde quer que o apóstolo fundasse uma igreja, alguns havia que professavam aceitar a fé, mas introduziam heresias que, uma vez aceitas, excluíam finalmente o amor da verdade." 1

O conselho de João para enfrentar a heresia, é encontrado em II S. João 7-11:

"Porque já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é o enganador e o anticristo. Olhai por vós mesmos, para que não percamos o que temos ganho, antes recebamos o inteiro galardão. Todo aquêle que prevarica, e não persevera na doutrina de Cristo, não tem a Deus; quem persevera na doutrina de Cristo, êsse tem tanto ao Pai como ao Filho.

Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebeis em casa, nem tampouco o saudeis, porque quem o saúda tem parte nas suas más obras."

O apóstolo descreve aqui o herege como alguém que "não persevera na doutrina de Cristo." Sua maneira de tratar o herege era de não ser com êle sociável, nem desejar-lhe bom êxito. João não queria que os cristãos mantivessem relações sociais estreitas com os que negam a Cristo. Os membros que negavam a Cristo eram hereges, e os crentes não deveriam com êles mancomunar-se.

Uma indicação da maneira em que os primeiros hereges agiam é vista nesta declaração:

"Os apóstolos e seus coobreiros na igreja cristã primitiva eram constantemente obrigados a enfrentar heresias intrudizadas por falsos mestres existentes no próprio seio da igreja. Êsses mestres são apresentados não como a surgirem abertamente, a introduzirem-se sorrateiramente, com o movimento rastejante da serpente. Seguiam seus próprios caminhos perniciosos, mas não se satisfaziam sem desviar consigo outros. Não possuíam uma corrente concatenada de verdades, mas ensinavam uma mescla desconjuntada de idéias, amparadas por um passo das Escrituras aqui e outro ali." 2

Como indicação de que termo *heresia* era aplicado a qualquer crença não aprovada por outra pessoa, podemos considerar a perseguição dos primeiros séculos, quando erros e heresias foram introduzidos na igreja.

"Quando a primitiva igreja se corrompeu, afastando-se da simplicidade do evangelho e aceitando ritos e costumes pagãos, perdeu o Espírito e o poder de Deus; e, para que pudesse governar a consciência do povo procurou o apoio do poder secular. Disso resultou o papado, uma igreja que dirigia o poder do Estado, e empregava para favorecer seus próprios fins, especialmente na punição da "heresia". 3

"Foi necessária uma luta desesperada por parte daqueles que desejavam ser fiéis, permanecendo firmes contra os enganos e abominações que se disfarçavam sob as vestes sacerdotais e se introduziam na igreja. A Escritura Sagrada não era aceita como a norma de fé. A doutrina da liberdade religiosa era chamada heresia, sendo odiados e proscritos seus mantenedores." 4

No Tempo dos Pais da Igreja

A menção mais antiga de heresia nos escritos dos pais da igreja ocorreu cerca do ano 100 A.D., quando Inácio de Antioquia escreveu a Trallians:

"Exorto-te, pois, a abandonar os pastos estranhos da heresia e te manteres inteiramente com alimento cristão... pois os hereges misturam veneno com Jesus Cristo, assim como os homens poderiam adicionar veneno mortal ao vinho doce, sem dar a menor demonstração de sua malignidade, de forma que, sem o pensamento nem temor da doçura mortal, o homem bebe para a sua própria morte. Guarda-te desses homens. Isso te será possível se não fores presunçoso e te apegares a Jesus Cristo, ao bispo e às ordenanças dos apóstolos. Quem estiver dentro do santuário é puro, e quem fora dele estiver, impuro é, isto é, ninguém que procede independentemente do bispo, dos sacerdotes e diáconos possui consciência esclarecida." 5

Aos filadelfos, escreveu Inácio:

"Não erreis, irmãos. Ninguém que segue outra pessoa num cisma herda e reino de Deus. Ninguém que segue doutrina herética está ao lado da paixão." 6 "*Havendo, pois, nascido da luz da verdade, desvia-te da divisão e das más doutrinas. Onde está o pastor, tu, como ovelha, deves seguir.*" 7 Reza outra versão: "Sois filhos da verdade; abandonai as heresias. Segui, como ovelhas, aonde quer que o pastor guiar." 8

Onze diversas idéias e doutrinas foram promulgadas durante os primeiros séculos do cristianismo. Foram elas: O arianismo, negação da divindade do Filho; macedonismo, negação da divina personalidade do Espírito Santo; apolinarismo, negação da perfeição da natureza humana de Cristo; nestorianismo, crença de que Cristo tinha duas naturezas e era duas pessoas — Cristo nasceu e a divindade uniu-se, depois, à humanidade; eutiquianismo, crença de que Cristo possuía natureza mista de divindade e humanidade; gnosticismo, crença de que de uma divindade suprema fluía uma série de emanções; docetismo, crença de que o corpo do Senhor não era um verdadeiro corpo humano, mas possuía apenas a aparência; montanismo, crença mista de zoroastrianismo e cristianismo; sabelianismo, crença de que a Trindade não são três pessoas mas manifestações de uma Pessoa; e fotinianismo, crença de que Cristo era mero homem atuado por Logos. 9

Alguns dos pais da igreja que combateram essas heresias, foram S. Jerônimo, S. Crisóstomo, Sto. Agostinho e S. Basílio. Num de seus

sermões, Sto. Agostinho usou S. Lucas 14:22 e 23 como base para estas observações:

"Não esperes que aqueles a quem encontrareis escolham vir; compele-os a entrar. Eu preparei um grande banquete, uma casa grande, não posso permitir que haja ali lugares vagos. Os gentios vieram das ruas e vielas: deixai vir os gentios dos muros. Eles aqui encontrarão paz. Os que erguem muros têm por objetivo divisões. Deixai-os afastar-se dos muros; sejam eles arrancados dentre os espinhos. Agarram-se eles aos muros e não se deixam forçar. Deixai-nos entrar, dizem eles, quando nos aprouver. Não é essa a ordem do Senhor. 'Força-os' disse Ele, 'a entrar'. Seja a coação exercida fora, a vontade surgirá dentro." 10

Durante o tempo de Agostinho, o Primeiro Concílio de Constantinopla, em 381 A.D., no Cânon VI proveu uma definição de heresia, que indica o tratamento dispensado aos hereges. Declara o Cânon VI:

"E por hereges entendemos tanto os que foram anteriormente expulsos e os a quem nós mesmos depois disso excomungamos, como também os que, professando seguir a fé verdadeira, se separaram de nossos bispos canônicos, e estabeleceram conciliábulo, em oposição [a eles]." 11

S. Crisóstomo (347-407) advertiu em homílias contra a perseguição. Escreveu ele: "E se orais pelos pagãos, deveis, naturalmente, orar também pelo hereges, pois devemos orar por todos os homens e não perseguir." 12

Jerônimo lançou as bases para a perseguição em que a Igreja Católica Romana mais tarde se empenhou, pois ao escrever contra os pelagianos, apresenta ele Atico (católico) empenhado num diálogo com Cristóbulo (herege). A opinião de Jerônimo é expressa nesta conversação:

"C. Forçais-me a fazer uma observação odiosa e a perguntar: Mas que pecado cometeram eles para me quererdes apedrejar imediatamente em algum tumulto popular? Não tendes o direito de matar-me, mas certo é que possuís a vontade de fazê-lo.

"A. E mata o herege que lhe permite ser herege. Porém, quando o reprendemos concedemos-lhe vida; podeis morrer para a vossa heresia, e viver para a fé católica." 13

Reconhece-se que a perseguição movida pela igreja foi um erro que motivou o castigo dos arrebanhados em nome da religião, e um dos erros mais crassos foi que a heresia devesse ser desarraigada pelo Estado. Logo que o paganismo e o cristianismo se amalgamaram, o Estado foi estimulado a forjar leis contra os hereges. Os imperadores supostos cristãos do tempo de Constantino fizeram leis que no Código Compilado, de Teodósio, estavam agrupadas sob o único título, De Haereticis. As penalidades para os hereges eram a privação de todas as funções de dignidade e renda, o comércio com os hereges estava proibido, nenhuma propriedade podia ser por eles adquirida nem vendida, destêro e castigos corporais. Ao mesmo tempo a igreja excomungava-os, proibia-os de entrar nos templos, ouvir sermões ou a leitura das Escrituras, bem como proibia outras pessoas de a eles se unirem em cultos religiosos, de com eles conversar ou comer, e as testemunhas hereges não podiam ser aceitas em causas eclesiásticas. 14

Durante a Idade Média

Ao generalizar-se a crença de que, por determinação divina, a Igreja Católica era a depositária da verdade salvadora, a significação de heresia tornou-se importantíssima. Qualquer pessoa que não aderisse a essa crença era he-

rege, e os hereges destruiriam a igreja, caso não fossem primeiramente destruídos. Cria-se que os hereges destruiriam a crença. Disse um porta-voz católico:

"Desfazer a crença equivale a destruir a igreja. A integridade da regra de fé é mais importante para a coesão da sociedade religiosa do que a prática estrita dos preceitos morais. A fé, como uma de suas funções comuns, supre o meio de corrigir as delinquências morais, ao passo que a perda da fé, atingindo a raiz da vida espiritual, é geralmente fatal para a alma." 15

Tal é a opinião católica. Essa opinião conduz à punição do herege com o fito de salvar-lhe a alma.

Os pais da igreja tratavam com severidade todo afastamento da doutrina católica, por serem fôsse conseqüente de insubordinação à crença católica, e êsse afastamento devesse ser castigado." 16

"No século treze foi estabelecido o mais terrível de todos os tratamentos do papado — a inquisição." 17 Castigo cruel e horrível era infligido ao ser ou "herege" forçado pela igreja a renunciar a sua crença. Esse é o resultado do método empregado pela Igreja Católica para enfrentar a "heresia". "Morra o herege", era o brado.

Durante a Reforma e Depois Dela

Um dos mais antigos líderes da Reforma, Martinho Lutero, foi, pela Igreja Católica, acusado de heresia:

"Quando os inimigos apelavam para os costumes e as tradições, ou para as declarações e a autoridade do papa, Lutero enfrentava com a Bíblia, e a Bíblia unicamente. Ali estavam argumentos que não podiam refutar; portanto os escravos do formalismo e superstição clamavam por seu sangue, como o fizeram os judeus pelo sangue de Cristo. 'Ele é herege', bradavam os fanáticos romanos. 'É alta traição à igreja permitir que tão horrível herege viva uma hora mais. Arme-se imediatamente para êle a força!'" 18

Os protestantes deveriam logo seguir as pegadas do papado. As igrejas dissidentes foram perseguidas na Inglaterra. Quakers e puritanos, juntamente com anabatistas sofreram nas mãos do Estado. Moveu-se-lhes perseguição até ao fim do século dezessete. 19 Na advertência aos quakers e sabatistas, é citado o caso duma Sra. Trask, espôsa de herege. Disse êsse autor, de 1635:

"Sua espôsa, Trask por motivo de sua opinião acerca do sábado, foi aprisionada durante cerca de quinze ou dezesseis anos; em todo êsse tempo, não obstante implorar muito, não lhe foi permitido receber o conforto de quem quer que fosse, sob a alegação de que *mais bem-aventurada coisa é dar que receber*. Nem pôde tomar coisa alguma por empréstimo, porque, semelhantemente, está escrito: *Emprestarás a muitas nações, mas não tomarás empréstimos*. Assim sendo, considerava ela desonra para si, quer pedir, quer tomar empréstimo. Sua alimentação durante a maior parte do tempo de prisão, isto é, até pouco antes de morrer, consistiu em pão, água, raízes e ervas; nada de carne, nem vinho, nem bebida fermentada. Todo o seu recurso se resumia a uma anuidade de quarenta xelins; o que de mais falta lhe fazia para viver, ganhava-o ela de prisioneiros a quem algumas vezes prestava algum serviço: isso, porém, unicamente dentro da prisão, porque fora ela nunca ia. Assim, ela ali adoeceu e morreu. Encarregou ela o guarda da prisão de que a não enterrasse na igreja nem no seu pátio, mas em

campo aberto, o que cumpriu. Em sua personalidade, vemos expressa, não somente uma obstinação estranha e inflexível dum espírito pervertido, mas também, o estado infeliz e miserável de todos os hereges, pior do que o de outros transgressores comuns; pois não apenas se separam da igreja, como fez, a ponto de não pertencer a igreja nem comunidade cristã alguma; mas excomungam-se a si próprios e condenam-se, de conformidade com o apóstolo Tito 3:10: *Ao homem herege, depois de uma e outra admoestação, evita-o.* 20

Esse tratamento infligido à Sra. Trask nada tinha de excepcional.

"Em cada época houve testemunhas de Deus — homens que acalentavam fé em Cristo como único mediador entre Deus e o homem, que mantinham as Escrituras Sagradas como a única regra de vida, e santificavam o verdadeiro sábado. Quanto o mundo deve a êstes homens, a posteridade jamais saberá. Foram estigmatizados como hereges, impugnados os seus motivos, criticados os seus caracteres, e suprimidos, difamados ou mutilados os seus escritos." 21

Bibliografia

- (1) Ellen G. White, *O Conflito dos Séculos*, pág. 396.
- (2) Ellen G. White, "Erroneous Doctrines Dangerous," *The Signs of the Times*, 27 de março de 1884.
- (3) Ellen G. White, *O Conflito dos Séculos*, pág. 442.
- (4) *Ibidem*, pág. 45.
- (5) Ignatius, "To the Trallians," *The Apostolic Fathers*, trad. de Glimm, Marique and Walsh, na série *The Fathers of the Church*, (Nova York: Clima Publishing Company, Inc., 1947) vol. I, págs. 103 e 104.
- (6) *Ibidem*, pág. 114.
- (7) *The Epistles of St. Clement of Rome and St. Ignatius of Antioch*, trad. de James A. Kleist (Westminster, Maryland: The Newman Bookshop, 1946), págs. 85 e 86.
- (8) Ignatius, op. cit. pág. 113.
- (9) Frederick Meyrick "Heresy," *A Protestant Dictionary* (Londres: Hodder and Stoughton, 1904), págs. 261-263.
- (10) St.º Agostinho, "Sermons on Selected Lessons of the New Testament, N.º LXII," trad. de R. G. MacMullen, *The Nicene and Post-Nicene Fathers*, Segunda série, ed. de Philip Schaff (Nova York: The Christian Literature Company, 1888), vol. VI, pág. 449.
- (11) "The Seven Ecumenical Councils," *The Nicene and Post-Nicene Fathers*, Segunda série, ed. de Philip Schaff and Henry Wace (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1900), vol. XIV, pág. 183.
- (12) S. Crisóstomo, "Homilies on Timothy", *Homily VII, The Nicene and Post-Nicene Fathers*, Primeira série, ed. de Philip Schaff (Nova York: The Christian Literature Company, 1889), vol. XIII, pág. 430.
- (13) S. Jerônimo, "Against the Pelagians", Livro III, 17, *The Nicene and Post-Nicene Fathers*, Segunda série, ed. de Philip Schaff and Henry Wace (Nova York: The Christian Literature Company, 1893), vol. VI, pág. 481.
- (14) *Cyclopaedia of Biblical Theological and Ecclesiastical Literature*, vol. IV, págs. 200 e 201, art. "Heresy".
- (15) J. Wilhelm, "Heresy", *The Catholic Encyclopedia*, vol. VII. 259.
- (16) P. Hinschius, "Heresy", *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, vol. V, págs. 234 e 235.
- (17) Ellen G. White, *O Conflito dos Séculos*, pág. 59.
- (18) *Ibidem*, pág. 132.
- (19) Talbot Wilson Chambers, "Heresy", *Concise Dictionary of Religious Knowledge* (Nova York: The Christians Literature Company, 1891), pág. 365.
- (20) Ephraim Paggit, *Heresiology* (Londres: William Lee, 1662), págs. 196 e 197.
- (21) Ellen G. White, *O Conflito dos Séculos*, pág. 61.



Evangélio da Saúde

O REMÉDIO DA ORAÇÃO

A. W. N. DRUITT, MRCS, LRCP
(Rutlândia, Colômbia Britânica, Canadá)

PASSOU-SE bastante tempo até que eu começassem a receitar a oração como remédio. Realmente, não foi senão quando, como missionário-médico, trabalhando em Jamaica, nas Índias Ocidentais Britânicas, numa sociedade de dois anos com o Dr. Clifford Anderson, que verdadeiramente aprendi acerca das suas qualidades como remédio. Oh! eu orara amíúde antes disso, havendo mesmo sabido orar desde o tempo em que celebrávamos o culto doméstico manhã e tarde. Como estudante, também, aprendera acerca do valor da oração e, sem que fosse teoricamente um dos mais brilhantes, sempre experimentalmente júbilo em reclamar em minhas orações, especialmente antes dos exames, as promessas divinas de que "fará lembrar de tudo." E isso me ajudou! Tenho a certeza de que, muitas vezes, a oração me ajudou quando nada mais poderia havê-lo feito.

Alegra-me o haver encontrado para companhia de vida quem também creê na oração, pois ela me veio como resposta às minhas orações. Através dos doze anos de nossa vida matrimonial, temos verificado muitas vezes que Deus atende às orações. Notamos, algumas vezes, que não são atendidas quando julgamos devesssem sê-lo, mas freqüentemente ela vem no derradeiro instante, aparentemente quando não sabíamos a que mais recorrer. Esta experiência, entretanto, não constitui novidade para os adventistas, e por certo nenhum leitor desta revista nutre dúvida de que Deus ouve as orações e a elas atende. Mas, como pode a oração ser receitada? Ela precisa ser manuseada com o cuidado que é dispensado à morfina, ministrada em doses exatas e nos casos definidos. Algumas vezes é até contraindicada, pois nos é dito: "Não deiteis aos porcos as vossas pérolas."

Oração no Hospital

Na sala de operações da clínica da Missão da Jamaica, foi que aprendi a receitar a oração. Era costume ali nunca aplicar o anestésico a uma pessoa sem antes fazer uma breve oração pedindo a guarda do paciente e a guia para os médicos e enfermeiros. Pode haver acontecido, algumas vezes, que o paciente não haja apreciado esse fato, e outras, que, sob o efeito das drogas previamente administradas, estivesse meio-inconsciente para notá-lo, mas trazia para a sala de operações o sentimento de que o Grande Médico ali estava para ajudar.

Também tinham as enfermeiras o costume de orar com os pacientes ao acomodá-los à noite para dormir. Essas orações, muitas vezes feitas por enfermeiras muito tímidas, eram grandemente apreciadas por muitos pacientes que, depois de saírem do hospital, francamente expressavam o seu apreço por carta. Eis dois tópicos dessas cartas:

"Acho que ninguém melhor do que eu poderá contar dos proveitos alcançados, tanto fisi-

cos como espirituais. Tanto o senhor mesmo quanto a enfermeira-chefe, irmã C., e as demais enfermeiras foram todos atentíssimos comigo durante as minhas várias enfermidades, e eu nunca esquecerei as muitas orações feitas em meu favor e de minha família."

"Destes uma prova para o mundo em geral e particularmente para Jamaica, de que para Deus nada é impossível, e creio que é por estar esse estabelecimento alicerçado sobre a Rocha da nossa salvação, que o êxito acompanha o vosso trabalho maravilhoso de auxílio à humanidade sofredora. Não posso esquecer as orações feitas em meu favor por essas enfermeiras cristãs antes de eu me aprontar para dormir, à noite, e a maneira bondosa com que atenderam ao meu conforto. Oxalá o Deus do Céu as ajude a capacitarem-se da importância da sua vocação."

Lembro-me de quando o primeiro ministro da ilha esteve internado no hospital para uns poucos dias de repouso. Passava eu uma noite por um dos corredores, quando a enfermeira saiu do seu quarto e me disse: "Orei com *ê*e, também." Subiu-me um nó à garganta, ao pensar eu na coragem da enfermeira cristã, e pus-me a imaginar se, em seu lugar, eu teria tido a mesma coragem. Essa é uma das espécies de poder que nos advém com a oração!

A esposa dum médico foi internada no hospital. Estivera doente havia seis anos e, havendo sido induzida por sua criada a pelo menos tentar, recorria ao hospital adventista como derradeiro recurso. Sua primeira impressão a meu respeito fôra que era jovem demais para saber o que fazer, não obstante, deixou-se examinar, cooperou para os tratamentos e dizia "amém" às orações. Dentro de três semanas sentiu-se quase curada, porém, mais do que isso, lera algumas revistas e folhetos enviados para Jamaica por bons amigos da América, e fornecidos aos pacientes. Por êles deixara-se influenciar e modificara inteiramente a sua opinião quanto ao sábado, de forma que saiu do hospital, não apenas caminhando (o que não fazia havia já muitos anos) mas determinada a, com a ajuda de Deus, ser observadora do sábado. Apesar de toda a perseguição que sofreu desde então, mantém-se ainda fiel ao seu Deus, que por ela tanto fez. Pode haver alguma dúvida de que o remédio da oração usado em seu favor naquela oportunidade e muitas vezes desde então tenha sido o veículo da sua melhora tanto física como espiritual?

Uma freira católica, romana, estava, com todos os hábitos religiosos, deitada na padiola de rodas, a espera do momento de serem-lhe extraídos dentes com anestesia geral. Lembro-me ainda da expressão de paz que se lhe estampou no rosto, ao ser feita uma oração em seu favor. Não sei o que terá acontecido quando de novo foi confessar-se. Sei, porém, que voltou várias vezes para serem-lhe extraídos

mais dentes. As orações penetram através das vestes monásticas, e unicamente no Céu viremos a saber do resultado das orações feitas aqui. Também os judeus apreciam as orações feitas em seu favor. Neste caso, o nome de Deus deverá ser o único proferido. Uma judia, estou certo, será algum dia adventista, por motivo das orações feitas em seu favor.

Minha Resolução

Que temos nós, médicos cristãos, para oferecer a um mundo que cambaleia de maneira tal que não pode reequilibrar-se, além da solidez que possuímos por firmar-nos à Rocha dos Séculos? Onde 50% dos problemas da vida podem ser atribuídos à tensão nervosa do indivíduo, como pode essa tensão ser aliviada sem alicerçar a sua confiança naquele que prometeu carregar o seu fardo? Estou certo de que nos meses recentes em que me empenhei em trabalho de psiquiatria, os resultados obtidos nunca teriam sido alcançados sem o poder que reclamei do Céu, quando apontava a Deus para os pacientes e com eles orava. Decidi nunca deixar que um paciente saísse do hospital sem orar com ele pelo menos uma vez, e com muí-

tos pacientes essas orações foram numerosas. O maior obstáculo consiste em achar coragem para perguntar ao paciente se concorda em orar a Deus e pedir-Lhe que o abençoe e cure. Uma vez feita a pergunta, o resto é simples, porque, em geral, o paciente responde: "Sim, faça o favor." Algumas vezes o caminho é facilitado, quando o próprio paciente pede ao médico que por ele ore. Entretanto, por mais ocupado que estiverdes, nunca desprezeis essa oportunidade, porque não demorará mais que trinta segundos, mas possivelmente produzirá mais elementos de cura do que o vidro de remédio ou a injeção.

Antes de vir para o Canadá, eu sabia que Deus queria que eu estivesse justamente onde estou, pois me atendeu às orações, deparando-me a oportunidade de comprar e reformar as salas que são agora o meu consultório, bem como as possibilidades de serviço em prol da população. Apesar da minha ainda curta estada neste belo Vale Okanagan, já pude ver os resultados de algumas orações feitas em prol de pacientes.

Fazei do vosso consultório a entrada para o trono da graça e, em vosso consultório receitarei o poderoso remédio chamado oração.



O BRA PASTORAL

O MINISTÉRIO PASTORAL

ANDRÉ HENRIOT

Presidente da Associação Oriental Francesa

A EXCELENCIA do ministério pastoral e, conseqüentemente a sua utilidade, resultam da sua ação salutar. O pastor é o portador daquela admirável panacéia que comunica sociabilidade ao pagão moderno, estabilidade moral para o intelectual, e cultura para quem ainda está no estágio rudimentar. O pastor é, em toda parte e em todo tempo, o representante da bondade, paz, justiça, misericórdia, e não o representante do lado aflitivo da existência, como é crença errônea, algumas vezes. Está ele incansavelmente ligado à missão de guiar as almas, a fim de nelas despertar e fortalecer pensamentos que lhes devem dominar a vida e guiá-las para a vida futura.

O pastor, pastor de crentes, é dotado de poder para as necessidades espirituais. Assim como precisamos comer e respirar cada dia, e não apenas em certas grandes ocasiões da vida, também o nosso ser espiritual requer alimento diário para gozar saúde. Inevitavelmente, pois, é o homem de cada dia. Sua função é não somente batizar, casar e sepultar, se bem que nesses grandes momentos da nossa frágil existência seja ele desejável e até indispensável, mas ele é quem deve manter, nos que lhe são confiados, a fé nas coisas invisíveis e eternas. Sua intervenção é tanto mais imperativa quanto mais as contingências mundanas contribuem para diminuir no homem o apêgo às coisas e realidades divinas.

O ministro do evangelho é, sobretudo, apóstolo; o portador das boas-novas de salvação. A fim de disseminar a palavra da vida, não

pode ele permanecer sentado numa cadeira; muito ao contrário, precisa literalmente carregá-la: pregando em público, penetrando nos lares, visitando as almas isoladas. E, pois, indispensavelmente necessário que possua certa medida de intrepidez, tanto mais que sua vocação dêle exige não limitar as atividades aos já ganhos para a sua causa. Em verdade, sob a pressão do seu fogo sagrado, tem êle de comunicar a sua convicção a outros e enfrentar os descrentes e céticos. Esse aspecto de seu ministério guinda-o ao posto de combatente de paz e dêle exige que leve as suas vitórias aonde quer que a ordem do seu grande Comandante o envie ou coloque.

Deveres do Pastor

Como líder, tem o verdadeiro pastor os deveres de auxiliar o fraco a definir e aplicar-se a sua regra de moralidade e norma de proceder, e relembrar a quem tem a consciência calejada por compromissos, os princípios normativos do evangelho. Precisa sempre guiar o seu rebanho, adaptando os ensinamentos, os conselhos e os incentivos às muito diversas vicissitudes da vida de cada pessoa. Algumas vezes precisará ter a coragem de denunciar irregularidades na vida privada e aplicar com cortesia a necessária reprovação. É sempre delicado, mesmo para os árabes, participarem de certas disputas; entretanto, o dever de curar a alma implica também essa intervenção difícil que felizmente transforma o pastor em mensageiro e até em pacificador.

Quem se consagra à vocação pastoral deve ser capaz de falar como dispenseiro de consolação. Nesse sentido o seu trabalho consiste em devotar-se incansavelmente ao serviço das almas feridas pela adversidade. Sua função como médico da alma designa-o para atenuar, calmar ou aplacar os sofrimentos e tristezas que constantemente assaltam a humanidade. Deve sempre aproximar-se da miséria humana; animando os desesperançados, enfermos, viúvas, pobres, os atingidos por enfermidades físicas ou morais, e todos quantos necessitam de quem dêles se compadeça. É chamado como auxiliar nas horas de infortúnio e angústia.

O líder verdadeiramente espiritual deve ser capaz de seguir, com o mesmo zelo e perseverança, a multidão de suas atividades através de tôdas as crises. Em meio à insegurança das perseguições, permanece êle como modelo da fidelidade. Quando a guerra paraliza e retalha o

país, ali está êle como embaixador do Príncipe da paz. Se uma epidemia semeia terror e angústia, transforma-se automaticamente no bom samaritano que se deixa gastar sem medida. O escárnio e a zombaria não lhe alteram a constância pois êsse ministério requer heroísmo inquebrantável.

O pregador do amor, da paz e da justiça faz impressão mais pela eloquência do exemplo do que pela palavra. Evitará o perigo de buscar agradar pelo espírito de condescendência. Nunca cederá diante da ameaça da lisonja. Faz parte de seus deveres a manutenção da naturalidade, enquanto com muita clareza mantém o ideal da justiça. Nêle, a fidelidade tem de sempre triunfar sobre a facilidade. E como fiel representante de sua religião, será, por exemplo de abnegação e benevolência, a coluna mestra do santuário espiritual que busca construir sobre a Terra. Sua vocação é realmente elevada.

Ajuda para os Membros Fracos

W. E. STRICKLAND

Presidente da Associação Kentucky-Tennessee

NÃO é pouca coisa o pertencer à igreja Adventista do Sétimo Dia. Não somente é necessário coragem para dar êsse passo, mas é preciso vigor e fé para permanecer firme e vencer.

Os novos conversos, repletos do gôzo das verdades recém-encontradas, são alvos nítidos para o diabo, que raramente deixa de aproveitar tôda oportunidade que se lhe depara para os assediar e desanimar. É-lhes muitas vezes tarefa sobre-humana o manterem-se fiéis e fazerem aquilo que sabem ser correto.

Não duvidam da verdade. Sabem que tudo quanto ensinamos é a Palavra inspirada de Deus, mas muitos fracassam.

Faz algum tempo visitei uma igreja grande onde falei aos oficiais. Fiz-lhes menção de que possuíam mais de seiscentos membros, e disse:

— Suponho haver entre êles os chamados péso-morto—os indiferentes, os que não comparecem à igreja e perderam todo interesse. Os que, possivelmente, julgais deverem ser eliminados. Quantos dêsses pensais haver aqui?

Um irmão sugeriu duzentos, e todos os demais concordaram em que sem dúvida alguma deveria haver uns cem.

Cem membros a ponto de serem eliminados! Esta história poderá repetir-se mais ou menos em quase cada igreja, grande ou pequena. Alguns que figuram na lista de membros, em realidade não o são. Por quê? Muitos motivos haverá, talvez, mas, independentemente das razões, tem a igreja a sua responsabilidade.

A igreja não é uma sociedade social, um clube ou entidade similar. Está estabelecida como igreja para um único propósito, que é o de salvar almas. Essa é a comissão e deve ser o objetivo.

Jesus disse não haver vindo para chamar os justos mas os pecadores ao arrependimento; buscar e salvar os perdidos. Sua vida inteira dedicou-a Ele aos outros. Não deu um passo egoísta. Não ensinou teorias egoístas. Seu caminho foi e é o caminho da vida, caminho do livramento do pecado, caminho de volta para Deus. Justiça e misericórdia, bondade e compreensão, com abundância de amor,

motivarm-lhe as palavras e os atos, e os pecadores encontraram salvação.

Custa dinheiro o trazer pessoas para a igreja. Nalguns casos, milhares de cruzeiros, até. Isso mostra que os membros são um ativo valioso, e que do prisma de cruzeiros e centavos apenas, devemos esforçar-nos para reter os nossos frutos.

Tão fácil é perder de vista o nosso objetivo, esquecer que a salvação de almas é o nosso negócio, pensar que os nossos alvos individuais não são uma importunação, e que as normas da igreja são de suprema importância! Não ponhamos o carro adiante dos bois! Nosso ocupação é salvar almas e isso tanto dentro quanto fora da igreja. Matai a árvore e as folhas cairão.

Cristo não Veio Para Condenar

Reza S. João 3:16 "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna." Conhecemos êsse versículo extraordinário. Amamo-lo. Nêle cremos. Quantos de nós, porém, analisam S. João 3:17: "Porque Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fôsse salvo por Ele"?

Ele não veio condenar. Ao ler o livro de João, verificamos que reza: "Não cuideis que Eu vos hei de acusar." "Eu não vim para julgar o mundo, mas para salvar o mundo." Ele não era acusador, juiz, ou quem condena, e em I S. João 2:6, lemos: "Aquele que diz que está nEle, também deve andar como Ele andou."

Nós, portanto, não devemos acusar, nem julgar, nem condenar. Quem acusa, julga e condena, é o diabo. Nós devemos sustentar as normas da igreja, mas fazê-lo como fez Jesus, sem acusação, nem julgamento, nem condenação.

Permiti-me uma ilustração. Um homem fuma desde a infância. Está impregnado de fumo. Muitas vezes a sua esposa encontra-lhe a roupa de baixo amarelecida pela transpiração. Tôda fibra do seu organismo está atacada por êsses muitos anos de uso do fumo. O seu organismo exige a nicotina. Em idade adulta ou já

bem entrado em anos, ouve a mensagem adventista. Escuta noite após noite o pregador apresentar de maneira clara a doutrina bíblica da verdade divina. Convence-se. Todos esses anos esteve ele conjecturando acerca de certos passos bíblicos, e agora os compreende. Reconhece o que deve fazer. São-lhe ditas coisas que o despertam: O fumo, o álcool e as carnes imundas — todos devem ser abandonados; e com firme determinação tudo abandona por Cristo. É honesto. Crê que os adventistas são um povo extraordinário, e são-no! Ingressa na igreja. Seu batismo, é-lhe um grande acontecimento na vida, pois está abandonando velhos hábitos, velhos lugares de reuniões, velhos amigos, para congregar-se à igreja de Deus e a Seu povo.

Nesse ponto surge o diabo com maior determinação. Os pontos fracos do novo crente são especialmente atacados. Sua confiança, seus velhos hábitos, são todos submetidos a crescente pressão. Com que resultado?

A ninguém condenamos. Andamos todos tão atarefados! E, afinal de contas, a salvação é assunto individual, ou pelo menos parece sê-lo. E assim o nosso irmão luta. O fumo, sua grande fraqueza, é usado pelo inimigo para derrubá-lo, e um belo dia o encontramos fumando. Ele o esconde de nós, mas nós vimos, sabemos; e que fazemos? Bem, o mais provável é que digamos o que pensamos de um adventista que fuma. "Sabíamos que isso iria acontecer. Não achávamos nós que o pastor tivera muita pressa para batizá-lo? Disséramos isso na ocasião, e agora vemos o que temos que fazer" — e assim por diante.

O homem está vencido. Está envergonhado da sua fraqueza. Odeia-se, e o de que precisa é misericórdia e amor. Precisa de ajuda. Não necessita de acusação. Não precisa de que se lhe fale de normas da igreja. Necessita de alguém que tenha coração compreensivo para confortar-lhe as mãos fracas, erguê-lo, apontar-lhe Aquele que, somente, pode salvar uma pessoa tal qual ele. Aí é que o coração ferido precisa ser curado — não com correções ásperas, mas com o amor que se compadece e esquece o eu, tendo apenas um alvo em vista — salvar. Permitti-me, mostrar com uma observação pessoal, o que penso.

O Amor dos Irmãos Estabeleceu a Diferença

Faz alguns anos, certo ministro meu conhecido assumiu o pastorado de uma de nossas igrejas, justamente quando um dos nossos evangelistas terminava uma série de conferências públicas em que mais de 150 almas foram acrescidas às igrejas daquela cidade. Coube-lhe assumir o cuidado de cem desses novos membros. Eram excelentes almas — novas, recentes, de todas as idades. Jóias! Entre eles estavam um senhor e sua esposa, egressos de outra igreja. Ele, vendedor duma casa de móveis, aceitou a verdade com sinceridade e júbilo imenso.

Ele e a esposa assentavam-se quase sempre nos mesmos lugares na igreja, cada sábado. Um sábado, ao ir o pastor para o púlpito, notou que a esposa estava presente, mas faltava o marido. Depois do sermão, cumprimentando o povo à saída, perguntou à esposa:

— Onde está o seu marido?

— Oh! pastor, disse ela, está trabalhando! Eu gostaria que o senhor fôsse a nossa casa para falar com ele.

— Trabalhando! Mau, mau! Por certo irei vê-lo! respondeu ele.

Na tarde de domingo o ministro foi à casa deles. A casa estava edificada num alto, um pouco afastada da rua e, ao descer o pastor

da condução, olhou para cima. O marido, que estava no alpendre, vendo-o chegar encaminhou-se para dentro de casa, deu meia-volta, olhou para ele, tornou a voltar para dentro da casa, e uma vez mais voltou para cumprimentá-lo. Era verão. Ele perguntou ao pastor se preferia ficar no alpendre ou ir para dentro. O pastor preferiu o alpendre. Nisso veio de dentro a esposa, e todos se sentaram. Por algum tempo falaram de assuntos banais, mas o ministro podia notar que o irmão estava desassossegado — esperando, dir-se-ia, que sobre ele desabasse uma condenação.

Ao chegar o momento oportuno, o pastor lhe disse:

— Sentimos a sua falta, sábado.

— E! respondeu ele, não me foi possível ir.

— Que aconteceu? irmão.

— Tive que trabalhar. O boi caiu numa cova.

— Sinto muito, respondeu o ministro. Sabe o irmão que sentimos muito quando o irmão não vai à igreja? Nós o amamos e, saiba que também Deus sente a sua falta.

— Obrigado, pastor, foi tudo quanto pôde dizer.

Conversaram um pouco mais, e o pastor despediu-se. Domingo à noite o crente estava na igreja, bem como no sábado seguinte e em vários outros. Novamente, porém, em dia de sábado, notou o pastor a sua ausência. Ao sair da igreja a esposa, perguntou-lhe o pastor:

— E seu marido, onde está?

— Oh! pastor, ele está de novo trabalhando, disse ela, com alguma excitação que denunciava ser-lhe difícil admiti-lo.

Que deveria o pastor fazer? Domingo à noite o irmão foi à igreja. A saída, depois do culto, o pastor o cumprimentou, dizendo-lhe:

— Senti a sua falta, ontem.

— Não pude evitar, pastor. E, sem deter-se, desceu a escada, indo postar-se junto às grades, no pátio fronteiro à igreja.

Logo que pôde, o pastor desceu e foi ter com ele. Pondo-lhe um braço sobre o ombro, perguntou:

— Irmão: Que aconteceu?

— Oh! Tive que trabalhar de novo. O boi tornou a cair na cova!

— Ah! Sabe o irmão duma coisa? perguntou o pastor.

— Não. Que é?

— Se eu fôsse o irmão entulharia essa cova ou me desfaria do boi!

Isso o fez rir por uns momentos. Então o pastor, abertando-o num abraço, disse:

— Lembre-se de que sentimos a sua falta e o amamos, e queremos tê-lo conosco nesta jornada para o Reino.

Acontece que havia, e ainda há, nessa igreja um casal de crentes que perceberam o que estava acontecendo com esses crentes novos, e decidiram fazer-se amigos íntimos deles, amá-los, e animá-los, e exercer vigilância sobre eles. Sentaram-se juntos na igreja, juntos iam a reuniões sociais e eram também encontrados juntos em reuniões públicas e particulares. Semelhante amor sempre dá bom resultado. Eles lhes foram uma inspiração e ajuda.

Passaram-se semanas, até que um dia, o gerente da loja de móveis disse ao nosso irmão:

— O senhor terá que trabalhar sábado. Fulano adoeceu e Sicrano está ausente, em férias. O senhor terá que vir.

— Não poderei, foi a firme resposta.

— Escute — disse-lhe o gerente — o senhor terá que escolher entre o trabalho ou a sua religião. Ou um ou outra. Precisamos do senhor aqui sábado. Se não vier, teremos que conseguir outra pessoa que venha. Pense e responda-me.

— Não precisarei de prazo para pensar, foi a firme resposta.

— Quer isso dizer que trabalhará sábado?

— Não! Preciso obedecer a Deus. Não poderei trabalhar sábado.

— Não me diga que prefere perder o emprego a trabalhar no sábado!

— Sim senhor, assim é realmente.

— Remeter-lhe-ei o aviso legal de desemprego, foi a resposta:

Isso aconteceu na hora do almoço. Nosso irmão atravessou a rua, onde falou ao gerente duma loja de móveis maior que a de que era empregado, e perguntou se necessitava dum vendedor. Foi-lhe respondido que sim. Consegui imediatamente o emprego, com aumento de salário e o sábado livre.

Surge a pergunta: Onde conseguiu ele toda aquela coragem? Uns meses antes trabalhara quando lhe foi mandado fazê-lo. Por que não esta vez? Foi o amor dos irmãos que operou a diferença. Nessa sua hora de nova prova amparara-se no amor de Deus e dos irmãos, e vencera.

Mais tarde esse mesmo irmão, excelente vendedor, abandonou o emprego de vendedor de móveis, tornando-se excelente colportor. E, agora, é auxiliar do diretor do Departamento de Publicações numa de nossas Associações. Contou-me ele, faz uns poucos meses, que nunca esquecerá a maneira em que os irmãos o amaram quando mais necessitava de amor.

Todos os membros de nossas igrejas precisam justamente dêsse amor, e talvez se amássemos como nos amou o nosso Mestre, teríamos menos apostasias. Não nos fará bem lembrar que é somente a graça divina que nos livra da apostasia? Nada temos de que ufanar-nos. Só Jesus nos pode conceder a força de permanecer firmes contra a tentação. Em nós mesmos não possuímos poder algum que nos salve.

Conta-se de João Wesley que, andando por uma rua duma cidade da Inglaterra, viu um grande grupo de pessoas e, aproximando-se e olhando sobre o ombro dos que ali estavam, viu um bêbado caído na sargeta. Ficou assim observando durante alguns momentos, até que alguém reconheceu o grande evangelista, e perguntou-lhe:

— Esse homem é seu parente, Sr. Wesley? (pois notara lágrimas a rolarem-lhe pela face.)

— Não, não é.

— Por que, então, está o senhor tão comovido?

— Veio-me ao pensamento que, se não fôsse pela mercê de Deus, esse seria o João Wesley.

Assim é, amigos leitores. A graça divina nos sustém. Nós, pobres, fracas criaturas de carne, nada temos de que nos ufanar; nada, além de derrota e pecado e, sem o poder de Deus, não seríamos melhores do que outros que já fracassaram e estão fracassando. Oh! exerçamos mais compreensão, mais consideração, mais superabundante amor, para ajudar os nossos irmãos e irmãs que lutam com as hostes das trevas e fracassam!

Oh! Ajude-nos Deus a, ao dizirmos a hortalé, o endro e o cuminho, não esquecer o juízo, a misericórdia e a fé.

A Devida Atitude Para com as Normas

Há entre nós quem fracasse por não ter compreensão. Alguns neófitos fracassam por não poderem ver o "porquê" das coisas exigidas. As normas estabelecidas por líderes, muitas vezes motivam dificuldades, especialmente entre os jovens. As tentações dos jovens são problemas que muitas vezes se situam além da tolerância dos líderes que não são tão tentados.

SETEMBRO-OUTUBRO 1954

Por exemplo, faz umas poucas semanas veio ter comigo, em meu gabinete, um de nossos ministros jovens, excelente homem, de bons propósitos, enérgico e cheio do desejo de ganhar almas. Ao olhar para ele verifiquei que adotara um feitiço de bigode tipo escova de dentes. Eu lhe perguntei:

— Onde arranjou você isso aí?

Ele compreendeu a que eu me referia.

— Na Flórida, em férias, foi a resposta.

— Para quê? perguntei-lhe a seguir.

Ele olhou para o chão, depois enfrentou de novo o meu olhar, dizendo:

— Para mudar de aspecto, parece-me.

Sorrindo, respondi-lhe:

— Cuidado, então, com a maneira em que tratar com as mocinhas e as senhoras que por acaso usem "baton". Que diferença existe entre um bigode usado para mudar de aspecto e o "baton" usado para o mesmo fim?

Naturalmente, as pessoas fazem coisas para melhorar a própria aparência! Não exatamente para seguirem os costumes mundanos, mas por julgarem que melhoram a sua aparência pessoal—tornam-se mais belas, ou jovens, ou o que quer que seja. Lembro-me do tempo em que usávamos barba—barbas longas, curtas, suíças, cavanhaques. Oradores, advogados, doutores, ferreiros, pedreiros e todo homem importante ou humilde, usava barba sempre que possível. Depois alguém começou a rapá-la. Surgiu o invento da navalha de segurança, e hoje, apenas meia geração distante do tempo das barbas, elas são estranhas, estrambólicas, excêntricas. Por quê? Esse é o caso. Passaram de moda. Nós, homens, hoje em dia, não desmerecemos um rosto bem barbeado. Ao contrário, é até exigido—exigido apesar de, nalgum tempo da história do mundo, o cortar a barba ser considerado uma calamidade; porque se Deus não houvesse assim determinado, não teria feito o rosto do homem igual ao da mulher? Ora, nós, os pregadores, seguimos a moda, o costume do modernismo. Por quê? Porque no terreno da salvação isso não faz diferença alguma.

Tempo houve em que os homens usavam corlarinho de laçada, meias brancas até aos joelhos, sapatos com fivelas largas e chapéu de três bicos. Por quê? Era moda! Houve tempo em que nem os pregadores usavam gravata. Por quê? Moda! Moda, então, é importante, e visto que, uns mais, outros menos, somos todos por ela influenciados, não será sábio da nossa parte não fazermos da moda ponto de salvação? Antes, "seja a vossa equidade notória a todos os homens." Sêde modestos; tardios para condenar.

Do ponto de vista feminino, o cabelo comprido, cabelo encrespado, cabelo cacheado, cabelo liso, pó-de-arroz, cintas, saias abertas, saias compridas, saias curtas, saias de comprimento médio; mangas curtas, mangas compridas, blusa sem mangas; isso ou aquilo—tudo são assuntos de moda, mas a modéstia e a moderação devem governar os filhos de Deus, lembrando eles que são cidadãos do reino celestial.

Nossa ocupação não é condenar os atos alheios. Não é cristão o julgar. E a acusação é do diabo.

A Nossa Ocupação

Qual é, então, a nossa ocupação? Nossa ocupação é seguir a Jesus, viver como Jesus viveu. Por certo Ele esteve ocupado demais com amar e ajudar o povo, para que tivesse algum tempo para ajustar-lhes a maneira de vestir e comer, e não encontro em parte alguma menção nenhuma de que assim houvesse procedido.

Achamos, sim, um relato extraordinário em S. João 8; a história de uma mulher apanhada em adultério. Fôra ela levada a Jesus pelos pregadores da época. "Mestre," disseram êles, "esta mulher foi apanhada no próprio ato, adulterando. E, na lei, (as normas da igreja) nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes?" Reza o relato que Êle nada respondeu a princípio, mas, inclinando-Se, escrevia com o dedo na terra. Êles, entretanto, insistiam na pergunta, de forma que Jesus Se indireitou e disse-lhes: "Aquêlo que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela." E, tornando a inclinar-Se, escrevia na terra. Não sabemos o que terá escrito. O fato é que foram acusados pela própria consciência e saíram sem que um único dentre êles atirasse qualquer pedra de condenação. Reza o relato que "endireitando-Se Jesus, e não vendo ninguém mais do que a mulher, disse-lhe: Mulher, onde estão aquêles teus acusadores? Ninguém te condenou? E ela disse: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem Eu também te condeno: vai-te, e não peques mais."

Admirável Jesus! Êle não veio ao mundo para condenar pessoa alguma; não, nem uma mulher apanhada em adultério. Ela não era uma rameira. Por certo era o que costumamos chamar filha de família, talvez desviada por algum homem casado e apanhada no próprio ato do adultério. Caso singular, por certo. Não obstante, embora a acusação fôsse inquestionável, não impugnada, e sem dúvida verdadeira, o Rei da glória, nosso Senhor, nosso Salvador, disse: "Nem Eu também te condeno; vai-te, e não peques mais."

Oh! se pudéssemos ser hoje como Êle foi! Sua preocupação exclusiva era salvar. E nossa ocupação é o que foi a Sua, a mesma ocupação que teve quando aqui estêve. Lembrar-nos-emos de que disse: "Aquêlo que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela"? E não buscaremos, pela graça de Deus erguer os caídos, socorrer os fracos, sustentar os abatidos e transmitir esperança aos desanimados? Visto que a nossa ocupação é a do Mestre, não agiremos nós, irmãos e irmãs, como Êle agiu?



ESTUDOS BÍBLICOS

Justiça é Obediência à Lei

THELMA SMITH
(Instrutora Bíblica, Formosa)

I — Definição de Pecado

1. Pecado é a transgressão da lei (I S. João 3:4).
2. Conhecer o pecado pela lei (Rom. 7:7).
3. Tôda iniquidade é pecado (I S. João 5:17).
4. Perdão do pecado, purificação de tôda a injustiça (I S. João 1:9).
5. Desvio da justiça (Eze. 18:20-27).

II — Definição de Justiça

1. Observância da justiça (Isa. 26:2). — Nota 1.
2. Fazer bem (I S. Ped. 3:14 e 17). — Notas 2 e 3.
3. Verdadeira santidade (Efê. 4:24). — Nota 4.
4. Obedecer ao santo mandamento (II S. Ped. 2:21; Rom. 6:16). — Notas 5 e 6.
5. Desfazer os pecados (Dan. 4:27).
6. Libertamento do pecado (Rom. 6:18).

III — Fonte da Justiça

1. Se provém da lei — Cristo morreu debalde (Gál. 2:21).
2. Não como os fariseus (S. Mat. 5:20).
3. "Não tendo a minha justiça" (Fil. 3:9).
4. "No Senhor há justiça" (Isa. 45:24).
5. "O Senhor, Justiça nossa" (Isa. 23:6).
6. "A Ti pertence a justiça" (Dan. 9:7).
7. "Pela fé em Jesus Cristo" (Rom. 3:22; 5:17 e 18). — Nota 7.
8. Cristo feito nossa justiça (I Cor. 1:30). — Nota 8.

IV — Promessas

1. Na vereda da justiça está a vida (Prov. 12:28; comp. com Rom. 6:23).
2. Justiça e repouso (Isa. 32:16 e 17).
3. Buscar a justiça — escondidos no dia da ira do Senhor (Sof. 2:3).
4. Refulgir como estrélas (Dan. 12:3).
5. Coroa da Justiça (II Tim. 4:8).
6. "A Nova Terra onde habita a justiça" (II S. Ped. 3:13).

V — Apêlo

"Fome e sede de justiça." (S. Mat. 5:6).

Nota 9.

Notas

1. "A justiça é cumprir a lei como Jesus a cumpriu; é a saúde, a atividade de cada energia espiritual ao serviço de Deus... A justiça prepara o agente humano para as mansões que Cristo foi preparar para os que O amam.

"O oposto à justiça é a transgressão da lei de Deus, o buscar tão ardente e persistentemente as vantagens temporais que excluam o interesse pelas coisas eternas." — Sra. E. G. White, em *Signs of the Times*, 5 de setembro de 1895.

2. "A justiça de Cristo consiste em atos corretos e boas obras oriundos de motivos puros e generosos. A justiça externa, ao passo que falta o adorno interior, não terá valia alguma." — *Testimonies*, Vol. III, pág. 528.

3. "Justiça é fazer o bem, e é pelos atos que todos serão julgados. Nosso caráter é revelado pelo que fazemos. As obras mostram se a fé é genuína." — *Parábolas de Jesus*, pág. 312.

(Continua na página 2)